

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITECTURA

Biblioteca e Cidade
Asplund e Siza

Francisca Maria Monteiro Pereira

M
2025



Francisca Maria Monteiro Pereira
Biblioteca e Cidade: Asplund e Siza



M.FAUP 2025

Biblioteca e Cidade: Asplund e Siza
Francisca Maria Monteiro Pereira

FACULDADE DE ARQUITETURA



Biblioteca e Cidade

Asplund e Siza

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Elaborada por Francisca Maria Monteiro Pereira

Orientada por Prof. Doutor Carlos Machado

FAUP

setembro 2025

agradecimentos

ao Professor Carlos Machado, pela orientação e cuidado durante todo este processo
à minha mãe, ao meu pai, ao meu irmão pelo apoio que me deram nesta fase e sempre
à Matilde, por tudo

à equipa da Biblioteca de Viana, por todo o apoio e disponibilidade
à equipa da ArkDes, pela disponibilização dos materiais

RESUMO

Esta dissertação analisa comparativamente duas obras de referência da arquitetura europeia: a Biblioteca Pública de Estocolmo, de Gunnar Asplund, e a Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, de Álvaro Siza. Apesar de contextos históricos, culturais e geográficos distintos, ambas as bibliotecas partilham uma reflexão profunda sobre o papel da arquitetura na construção da cidade, na relação com o espaço público e na afirmação do edifício enquanto lugar cívico.

A investigação centra-se em aspetos como a implantação urbana, a volumetria, a materialidade, a luz, a espacialidade interior e o percurso, procurando compreender as afinidades conceptuais e os contrastes formais entre as duas propostas. Enquanto Asplund desenha um marco monumental que organiza o quarteirão e se impõe como sinal urbano, Siza opta por uma integração subtil, prolongando a lógica do tecido histórico e articulando o edifício com a frente ribeirinha.

A leitura cruzada revela diferentes estratégias projetuais que, embora divergentes na expressão, convergem num princípio comum: a arquitetura como gesto de pertença, mediação e continuidade, capaz de traduzir valores universais em respostas singulares ao lugar.

ABSTRACT

This dissertation comparatively analyses two landmark works of European architecture: Gunnar Asplund's Stockholm Public Library and Álvaro Siza's Municipal Library of Viana do Castelo. Despite their different historical, cultural and geographical contexts, both libraries share a profound reflection on the role of architecture in the construction of the city, in relation to public space and in the affirmation of the building as a civic place.

The research focuses on aspects such as urban layout, volumetry, materiality, light, interior spatiality and layout, seeking to understand the conceptual affinities and formal contrasts between the two proposals. While Asplund designs a monumental landmark that organises the block and stands out as an urban symbol, Siza opts for subtle integration, extending the logic of the historical fabric and linking the building to the riverfront.

A cross-reading reveals different design strategies which, although divergent in expression, converge on a common principle: architecture as a gesture of belonging, mediation and continuity, capable of translating universal values into unique responses to the place.

Tabela de conteúdos

Resumo	7
Biblioteca Pública de Estocolmo	14
Biblioteca Municipal de Viana do Castelo	52
Gestos em paralelo, Estocolmo e Viana em confronto	108
Bibliografia	125
Iconografia	127





BIBLIOTECA PÚBLICA DE ESTOCOLMO

No início do século XX, as bibliotecas tornaram-se um programa cada vez mais comum. A ideia de um espaço público de acesso livre ao estudo tinha sido acolhida pelas populações um pouco por todo o mundo, com foco nos Estados Unidos e alguns países europeus, mais fortemente a Inglaterra.

A Suécia não foge à regra. Surgindo a vontade de criar um espaço para a democratização do ensino e conhecimento. Estocolmo, a capital, vai mudar o panorama do país, ao criar a primeira biblioteca de livre acesso ao público, com o modelo de estantes abertas que permitia ao utilizador aceder aos títulos livremente, sem ter de recorrer a um bibliotecário.

Com isto, surge a necessidade de criar um concurso público para o projeto.

Em 1918 Asplund é chamado para ajudar a realizar esse concurso. Trata-se de um arquiteto com provas já dadas. Vencedor de três concursos públicos: a escola secundária de Kalrshamn projetada em 1912 e concluída em 1918, o projeto de ampliação para o tribunal de Gotemburgo de 1913, construído em 1937 e o cemitério do bosque a sul de Estocolmo em parceria com Lewerentz, projetado em 1915. Um arquiteto que tendia a seguir as tendências classicistas nórdicas de projeto. E é com o projeto da biblioteca que vai começar a explorar as ideias funcionalistas.

Como forma de melhor perceber o programa, Gunnar Asplund, parte numa viagem para os Estados Unidos, que, até há data, detinha o mais desenvolvido programa de bibliotecas públicas. Quando regressa a Estocolmo o conhecimento que ganha acaba por o tornar o arquiteto mais capaz para a realização do projeto e é por isso escolhido, pelos membros responsáveis, para o realizar.

Construída entre 1924 e 1928, num terreno que se destaca pela sua forma em L, a biblioteca implanta-se no cruzamento de duas grandes ruas da cidade, Sveavägen com Odengatan. Adjacente a uma colina onde, desde o séc XVIII, estava implantado o Observatório de Estocolmo. O terreno que seguia pela rua de Sveavägen é transformado em parque público. Com um lago central e percurso pedonais que permitem as ligações necessárias, sejam elas entre a rua e a biblioteca, ou ainda como acesso ao observatório, criando uma maior ligação entre tecido urbano e espaços verdes.



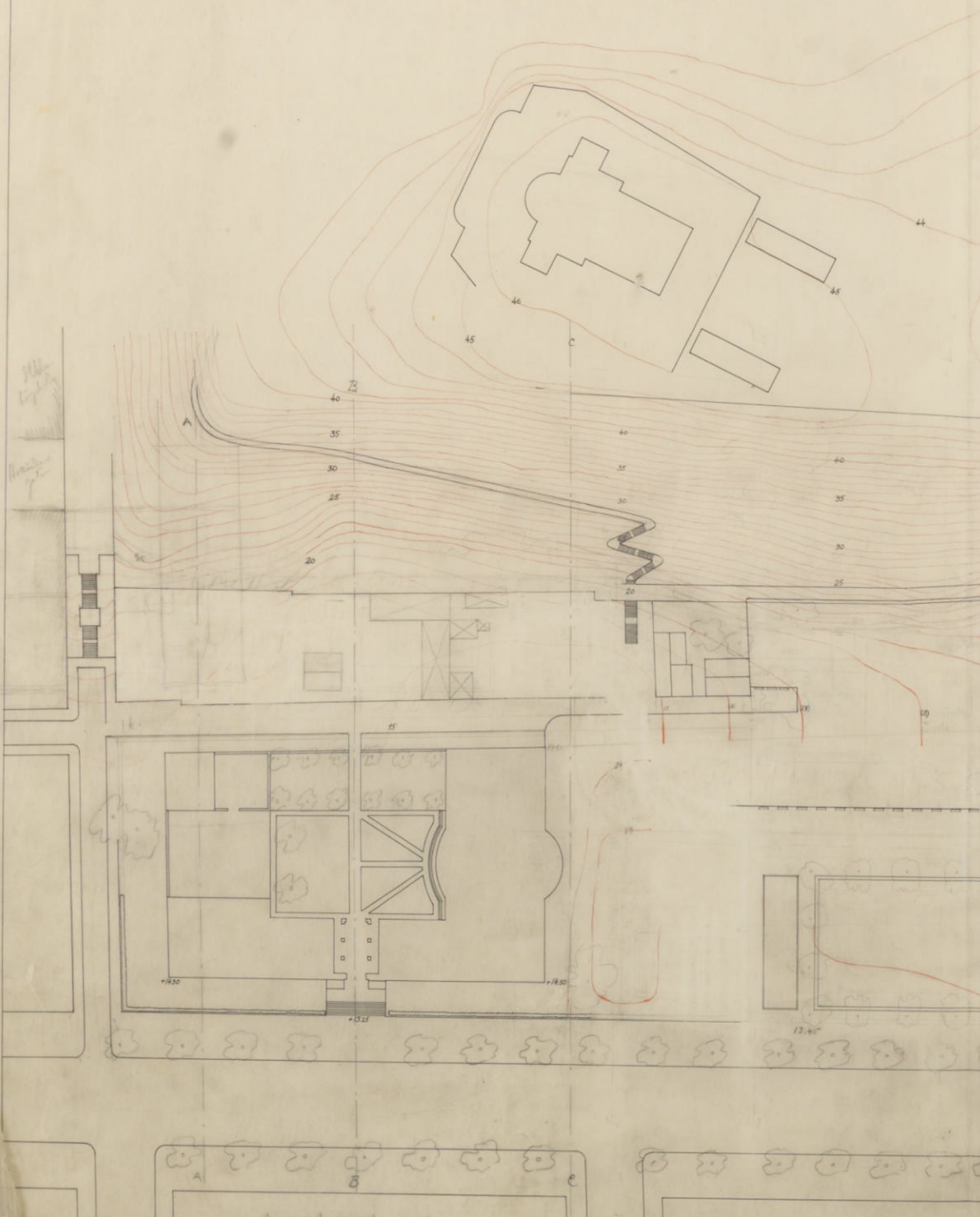
Escola secundária de
Kalrshamn

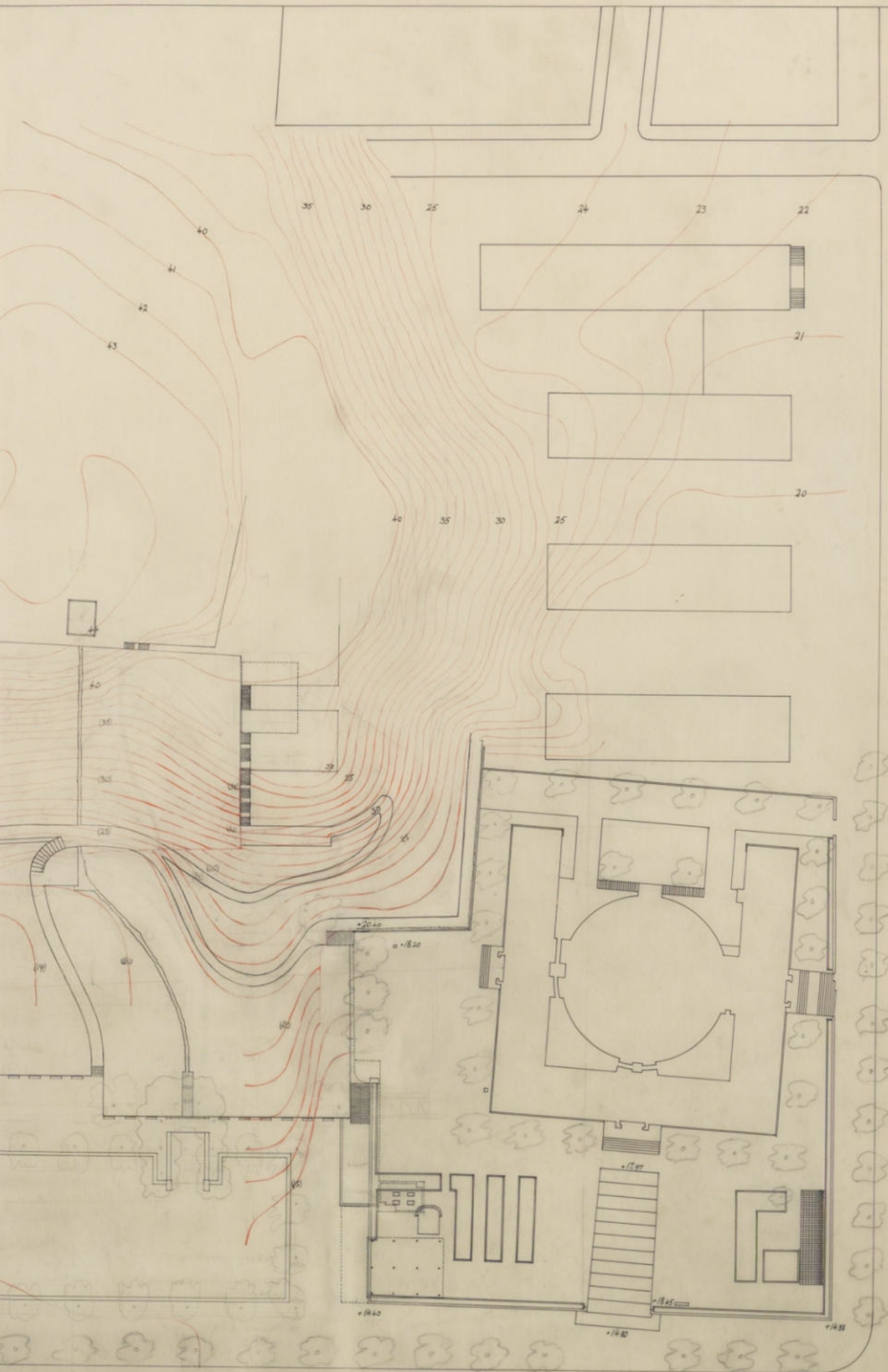


Amplicação do Tribunal de
Gotemburgo



Cemitério do Bosque a Sul
de Estocolmo





Biblioteca pública de
Estocolmo
**vista sobre o parque
de Sveavägen**



Biblioteca pública de
Estocolmo
zona infantil

**escadaria de acesso
ao observatório**



página anterior:
Biblioteca pública de
Estocolmo
**desenho da
implantação, 1929**



Já a relação criada ao longo de Odengatan, previa a criação de um espaço de mercado, com espaços comerciais, organizados ao longo da rua. Com este projeto o arquiteto pretendia ordenar a zona situada a oeste da biblioteca, criando a união entre a biblioteca e o terreno posterior¹. O projeto acabou por não ser edificado porém, no mesmo local é possível identificar a existência de mercados temporários que se apropriam do espaço.

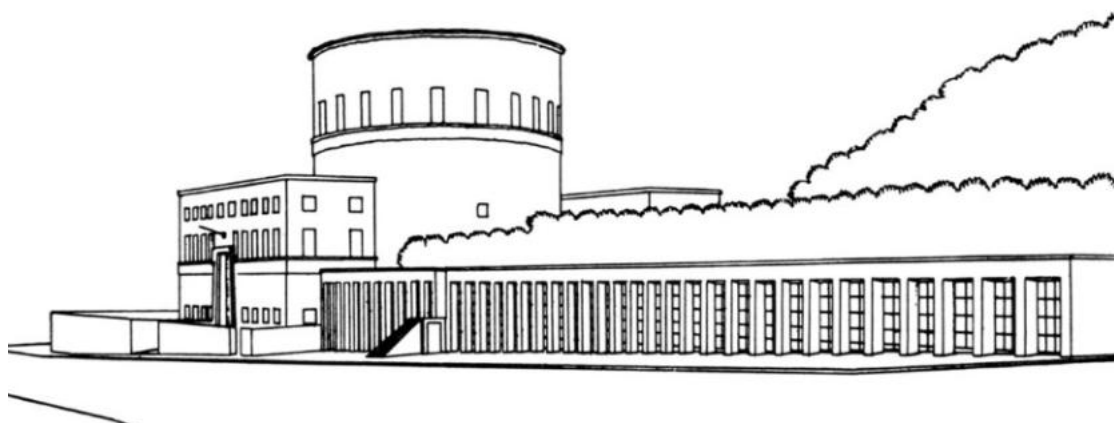
O volume é implantado com um recuo em relação a ambas as ruas. E posicionado com uma ligeira torção em relação aos seus eixos.

O afastamento das ruas é uma solução inteligente para resolver a diferença de cota entre a rua e a cota natural do terreno, sendo essa diferença de aproximadamente 3 metros de altura. Ao criar duas escadarias, uma monumental com entrada por Sveavägen, e uma secundária por Odengäten, vence essa diferença, ao mesmo tempo que lhe permite criar um embasamento à biblioteca, que passa a ser utilizado como espaço comercial.

Ao longo do projecto da biblioteca, a organização espacial foi alvo de um pensamento contínuo e constante. Levando a um conjunto de mudanças significativas que vão sendo expressas pelas plantas. Tendo sido apenas definido nas últimas plantas de que há registo, 1925, e já durante a construção da obra.

¹ASPLUND, "MERCADO DE ODENTORGET" (1926), in ASPLUND, 2002, p.121

Biblioteca pública de
Estocolmo
**proposta para o
Mercado de
Odengatan**



Biblioteca pública de
Estocolmo
**vista sobre espaço
da proposta do
mercado, com
mercados
temporários**





Biblioteca pública de
Estocolmo
**vista sobre entrada
por Sveavägen e
espaços comerciais**



Biblioteca pública de
Estocolmo
**entrada por
Odengäten**

Na cave, concentram-se as zonas técnicas e de manutenção do edifício. Trata-se duma zona inacessível aos utilizadores. O espaço com uma grande área é destinado ao arquivo e depósito de volumes e futuros volumes e à grande área técnicas com espaços destinados a aquecimento, caldeiras, depósitos, despensas, e uma garagem por onde entram todos os materiais necessários ao funcionamento da biblioteca.

O piso térreo, segundo piso, marca a cota de entrada no edifício. Com três zonas de entrada, a principal faz-se pela ala este, ligando à rua Sveavägen, e duas entrada secundárias simétricas na ala norte e sul. A entrada principal faz-se para um vestíbulo e a partir deste faz-se a distribuição dos espaços. O programa organiza-se de acordo com as várias alas existentes. A ala sul alberga a área infantojuvenil, com espaços de leitura dedicadas às crianças, salas e materiais apoio, e zonas técnicas. A ala norte alberga os periódicos, como jornais, revistas e reservados, e ainda a salas oportunas neste tipo de programa como tipografias ou salas de encadernações. Neste piso o espaço central circular é utilizado como sala de depósito, e situa-se diretamente por baixo da sala de leitura principal.

O piso principal, é dedicado aos espaços das salas de leitura. É neste piso que se faz a entrada para a sala de leitura principal, situada no espaço circular e central da biblioteca.

Nesta sala concentra-se uma grande parte do espólio da biblioteca. A sala de leitura principal caracteriza-se pela sua forma cilíndrica. Para além da cota do piso onde é criado um espaço de leitura com estantes a envolver o espaço, a sala cresce em altura

através de duas galerias que vão permitir o acesso a um maior acervo. Assim que entramos nesta sala encontramos-nos completamente rodeados de livros, característica que se vai repetir na maior parte dos espaços. O livro está sempre disponível de forma rápida, fácil e acessível ao utilizador.

As alas norte e sul albergam duas salas de leitura. Cada uma delas organizada em dois pisos e de pé-direito duplo. Uma galeria permite o acesso ao segundo piso.

O espaço sobranceiro que se situa por baixo das galerias da sala de leitura circular é aproveitado no piso da sala como espaço de exposições e zonas de apoio técnico como a sala do bibliotecário e salas de trabalho, e ainda zonas de serviços como casas de banho e espaços de arrumos. Ainda neste espaço, e à mesma cota da primeira galeria, o espaço sobranceiro é aproveitado como sala para os volumes reservados.

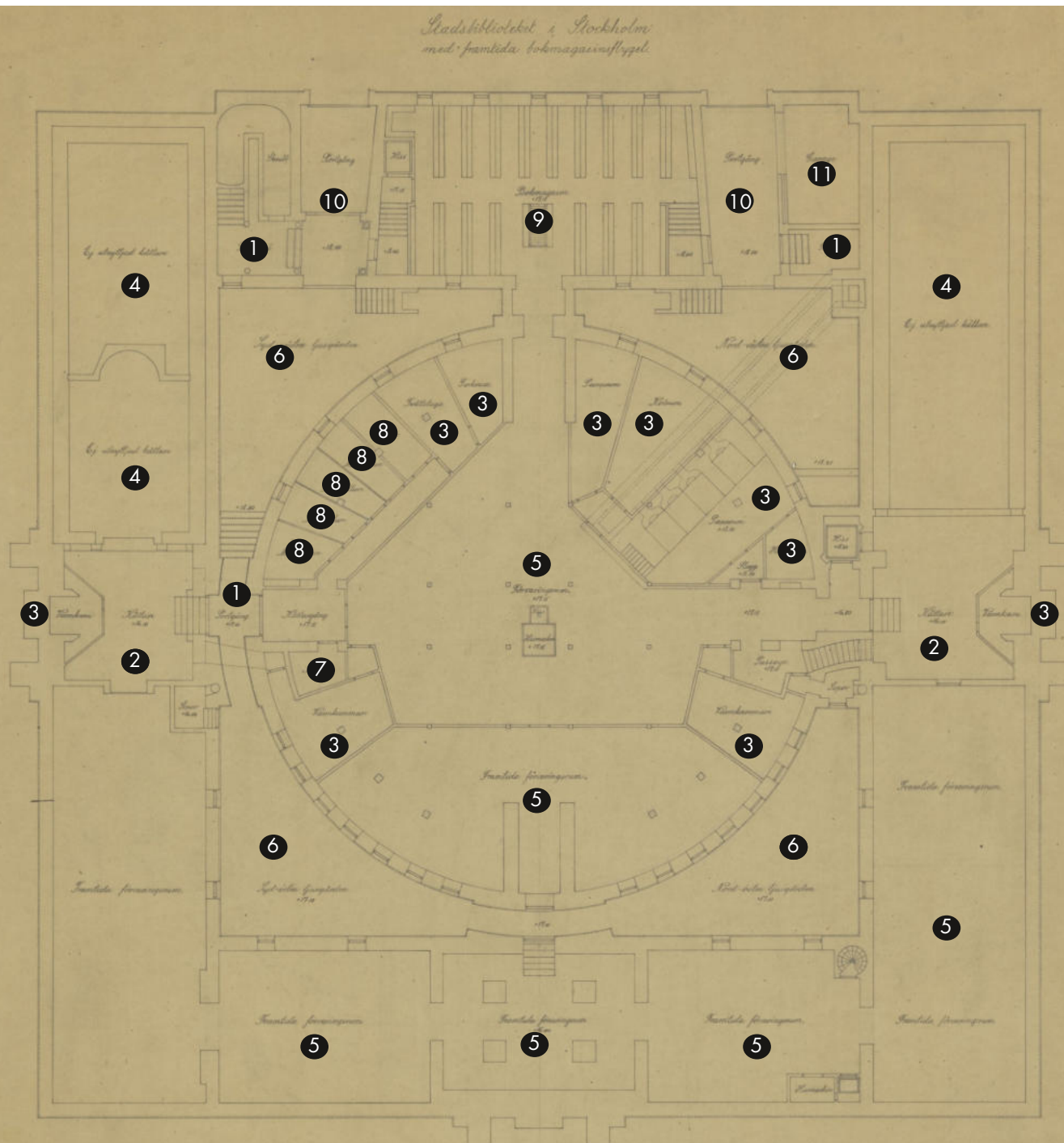
Na ala este são organizadas salas de estudo de livre acesso, e no espaço oeste, uma sala de livros.

Num piso superior, a ala oeste alberga uma sala de conferência com a respetiva área de apoio, salas de arrumos e instalações sanitárias.

Vemos um cuidado grande no que toca à distribuição dos espaços, deixando os pisos mais acessíveis ao alcance fácil do utilizador e dessa forma concentrando aí as salas de leitura e acervo. Asplund aglomera os espaços técnicos essencialmente no primeiro piso da cave, aí com grande concentração e os restantes, administrativos, no último piso.

piso 0
cave

- | | | | |
|---|--------------------------|----|---------|
| 1 | vestíbulo | 9 | acervo |
| 2 | cave | 10 | entrada |
| 3 | área técnica | 11 | garagem |
| 4 | área sem função definida | | |
| 5 | arrecadação | | |
| 6 | saguão | | |
| 7 | escritório | | |
| 8 | despensa | | |



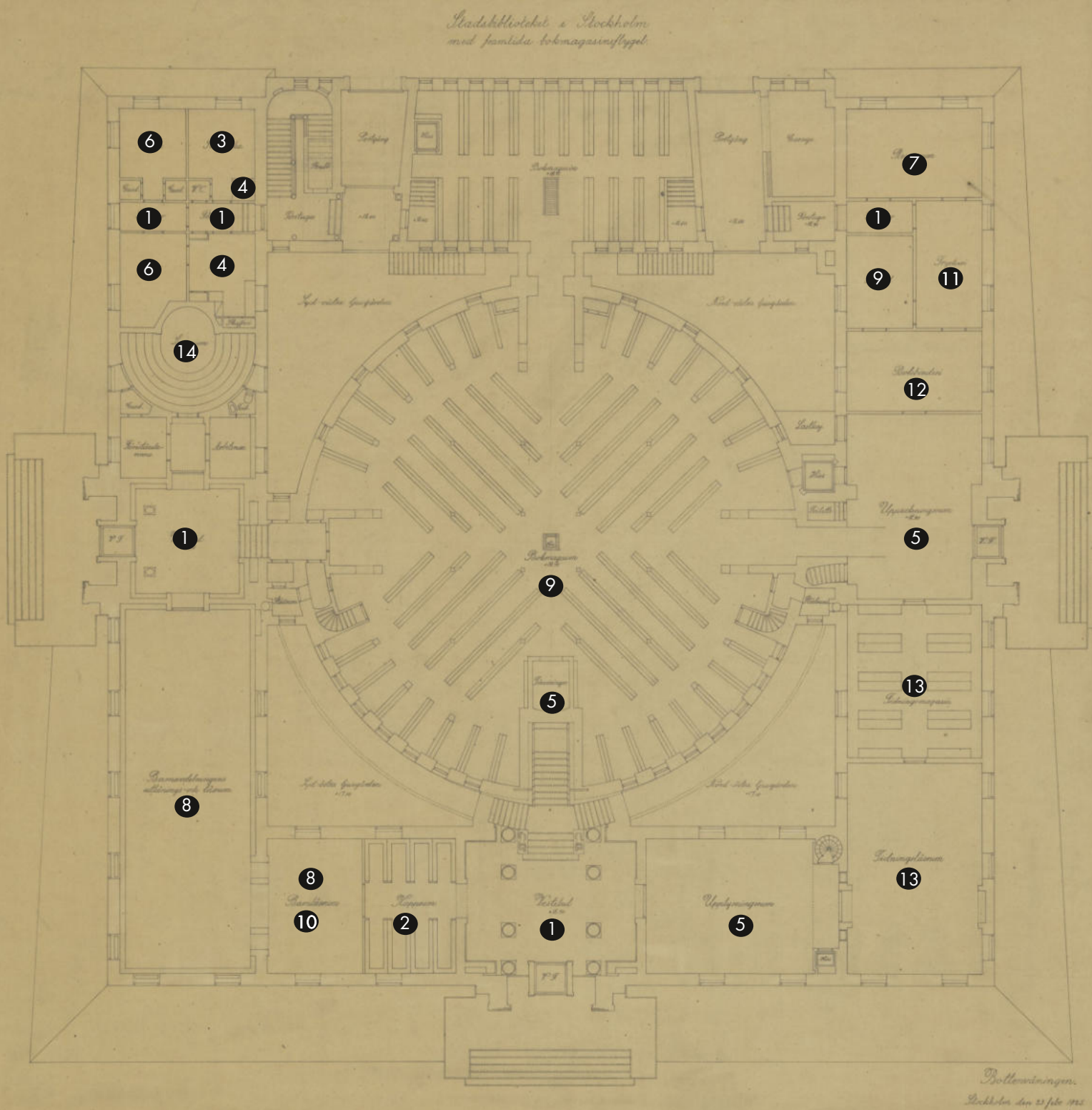
Kallarrörningen
Stockholm den 23 febr 1902
J. W. Sjöstrand

- 1 vestíbulo
- 2 vestiário
- 3 área técnica
- 4 cozinha
- 5 arrecadação
- 6 sala
- 7 sala dos reservados
- 8 área infantojuvenil
- 9 acervo
- 10 sala de leitura
- 11 tipografia

- 12 sala de encadernação
- 13 sala de periódicos
- 14 sala de leitura infantil
- 15 instalações sanitárias
- 16 sala de estudo
- 17 sala de trabalho
- 18 espaço administrativo
- 19 sala de exposições
- 20 primeira galeria
- 21 segunda galeria
- 22 bengaleiro

- 23 varanda
- 24 sala de conferências
- 25 cantina
- 26 sala de teatro
- 27 secretaria
- 28 sala de pedidos e catálogo
- 29 1º bibliotecário
- 30 assistente
- 31 sala do director

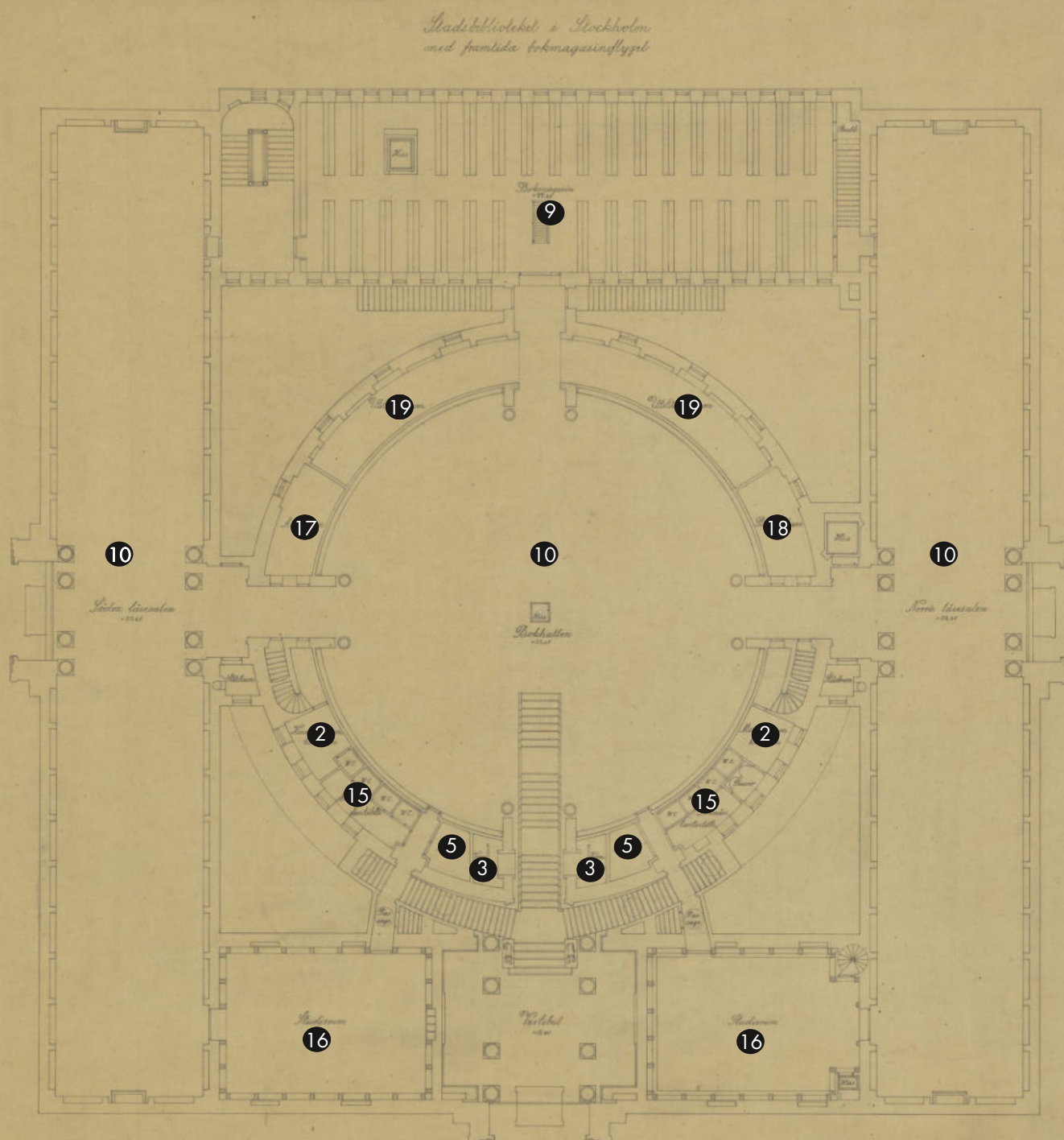
Biblioteca pública de
Estocolmo
piso 1
piso térreo



Biblioteca pública de
Estocolmo

piso 3

- | | | |
|-----------------------|-----------------------------|-------------------------------|
| 1 vestíbulo | 12 sala de encadernação | 23 varanda |
| 2 vestiário | 13 sala de periódicos | 24 sala de conferências |
| 3 área técnica | 14 sala de leitura infantil | 25 cantina |
| 4 cozinha | 15 instalações sanitárias | 26 sala de teatro |
| 5 arrecadação | 16 sala de estudo | 27 secretaria |
| 6 sala | 17 sala de trabalho | 28 sala de pedidos e catálogo |
| 7 sala dos reservados | 18 espaço administrativo | 29 1º bibliotecário |
| 8 área infantojuvenil | 19 sala de exposições | 30 assistente |
| 9 acervo | 20 primeira galeria | 31 sala do director |
| 10 sala de leitura | 21 segunda galeria | |
| 11 tipografia | 22 bengaleiro | |

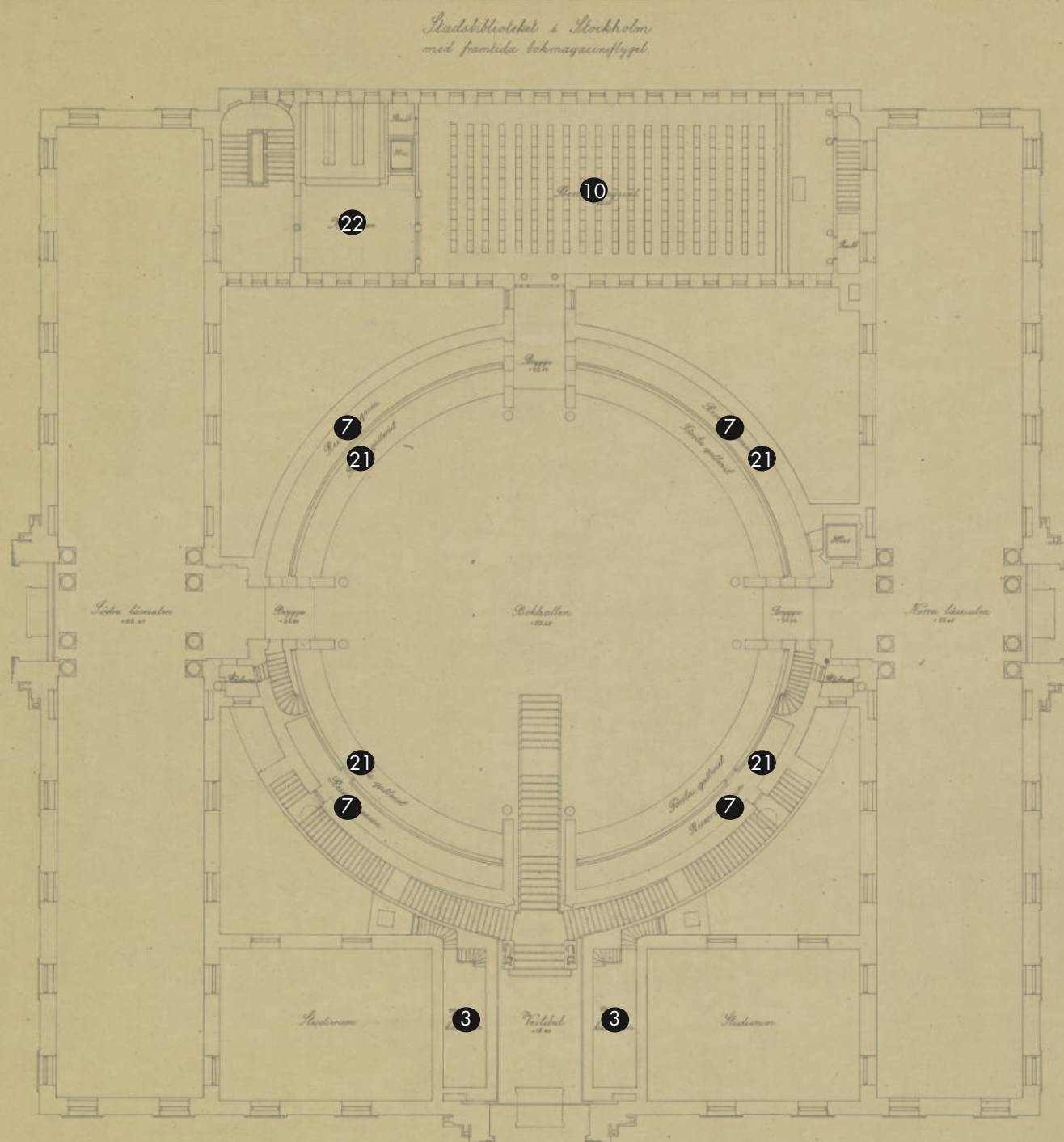


- 1 vestíbulo
- 2 vestiário
- 3 área técnica
- 4 cozinha
- 5 arrecadação
- 6 sala
- 7 sala dos reservados
- 8 área infantojuvenil
- 9 acervo
- 10 sala de leitura
- 11 tipografia

- 12 sala de encadernação
- 13 sala de periódicos
- 14 sala de leitura infantil
- 15 instalações sanitárias
- 16 sala de estudo
- 17 sala de trabalho
- 18 espaço administrativo
- 19 sala de exposições
- 20 primeira galeria
- 21 segunda galeria
- 22 bengaleiro

- 23 varanda
- 24 sala de conferências
- 25 cantina
- 26 sala de teatro
- 27 secretaria
- 28 sala de pedidos e catálogo
- 29 1º bibliotecário
- 30 assistente
- 31 sala do director

Biblioteca pública de
Estocolmo
piso 4
primeira galeria

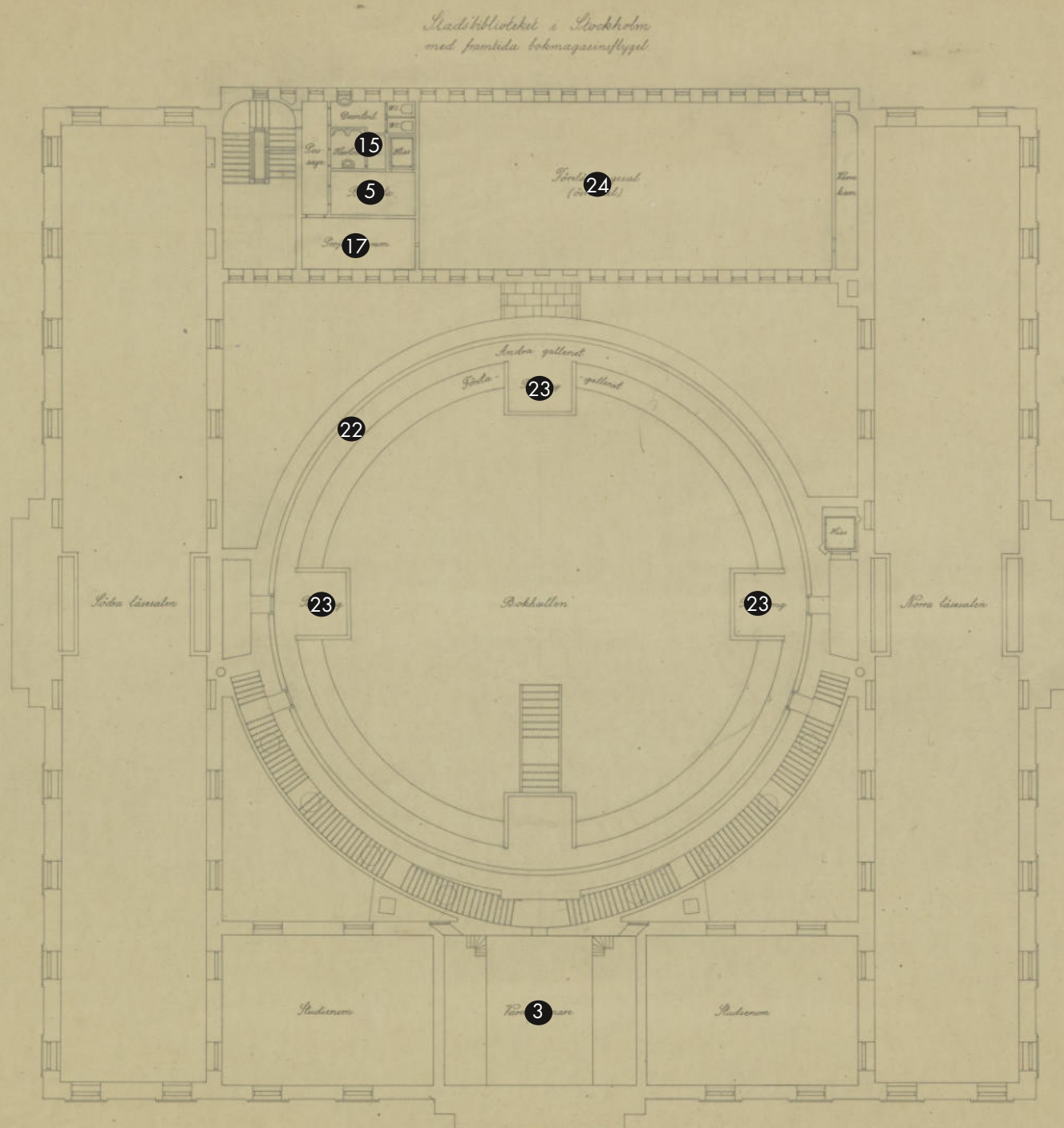


Biblioteca pública de
Estocolmo

piso 5

segunda galeria

- | | | |
|-----------------------|-----------------------------|-------------------------------|
| 1 vestíbulo | 12 sala de encadernação | 23 varanda |
| 2 vestiário | 13 sala de periódicos | 24 sala de conferências |
| 3 área técnica | 14 sala de leitura infantil | 25 cantina |
| 4 cozinha | 15 instalações sanitárias | 26 sala de teatro |
| 5 arrecadação | 16 sala de estudo | 27 secretaria |
| 6 sala | 17 sala de trabalho | 28 sala de pedidos e catálogo |
| 7 sala dos reservados | 18 espaço administrativo | 29 1º bibliotecário |
| 8 área infantojuvenil | 19 sala de exposições | 30 assistente |
| 9 acervo | 20 primeira galeria | 31 sala do director |
| 10 sala de leitura | 21 segunda galeria | |
| 11 tipografia | 22 bengaleiro | |

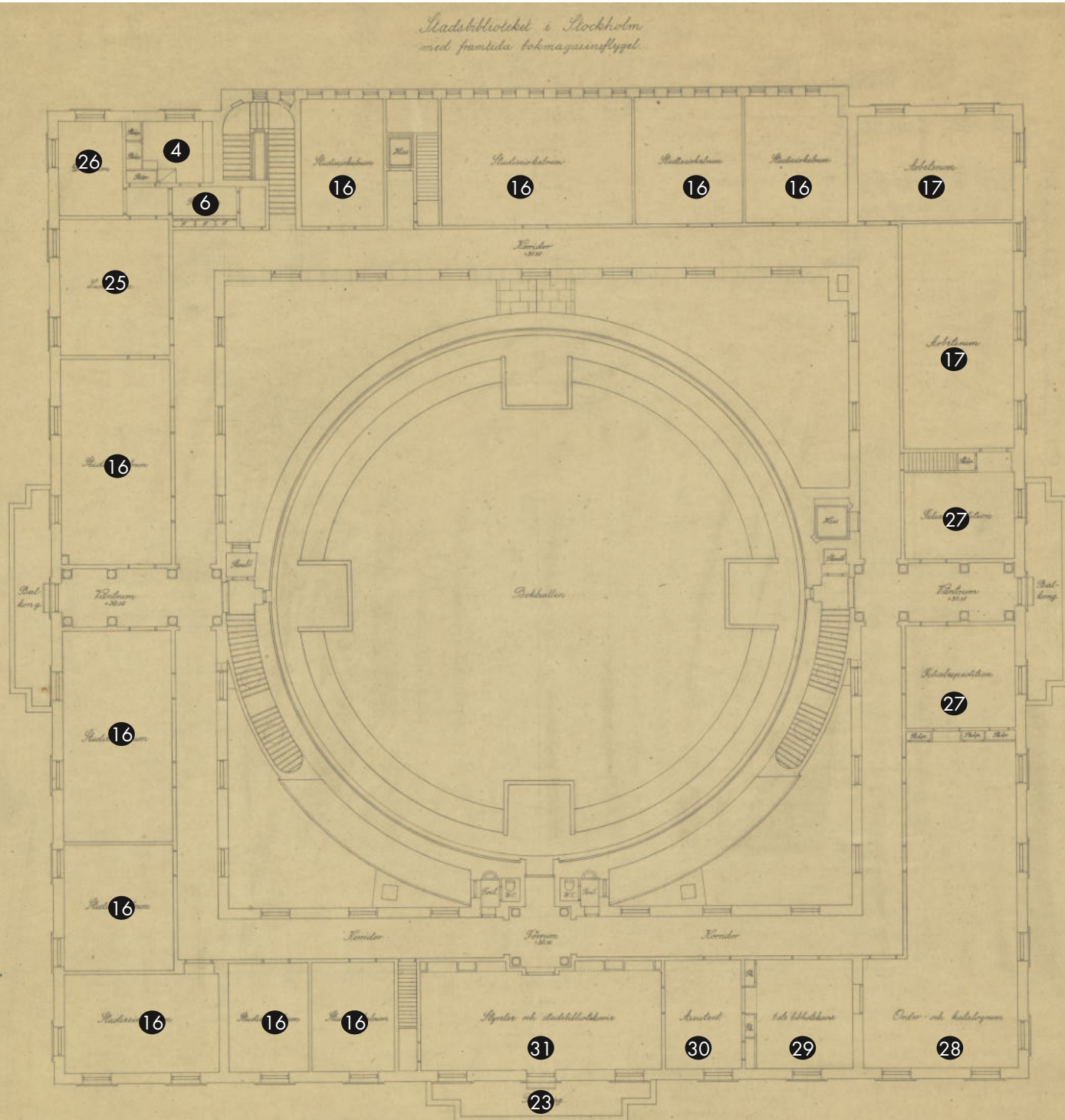


1 vestíbulo
2 vestiário
3 área técnica
4 cozinha
5 arrecadação
6 sala
7 sala dos reservados
8 área infantojuvenil
9 acervo
10 sala de leitura
11 tipografia

12 sala de encadernação
13 sala de periódicos
14 sala de leitura infantil
15 instalações sanitárias
16 sala de estudo
17 sala de trabalho
18 espaço administrativo
19 sala de exposições
20 primeira galeria
21 segunda galeria
22 bengaleiro

23 varanda
24 sala de conferências
25 cantina
26 sala de teatro
27 secretaria
28 sala de pedidos e catálogo
29 1º bibliotecário
30 assistente
31 sala do director

Biblioteca pública de
Estocolmo
piso 6



Biblioteca pública de
Estocolmo
entrada principal

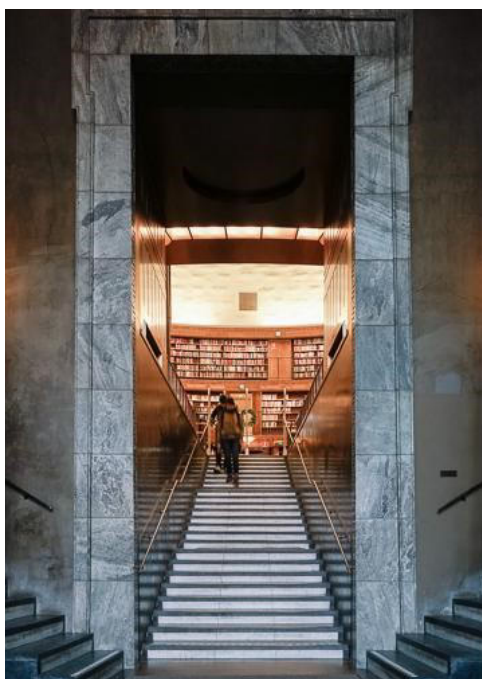


entrada pelo parque

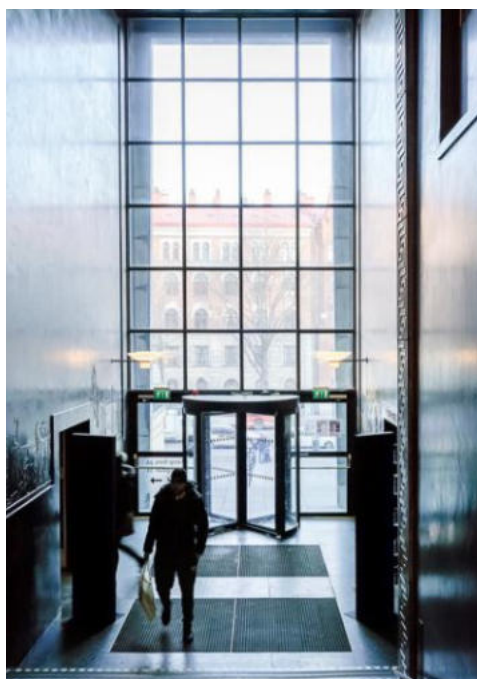


Biblioteca pública de
Estocolmo

**vestíbulo, vista
sobre a escada de
acesso à sala de
leitura**



**vestíbulo, vista
sobre a entrada**





Biblioteca pública de
Estocolmo
área infantojuvenil



Biblioteca pública de
Estocolmo
**sala de leitura
infantil**

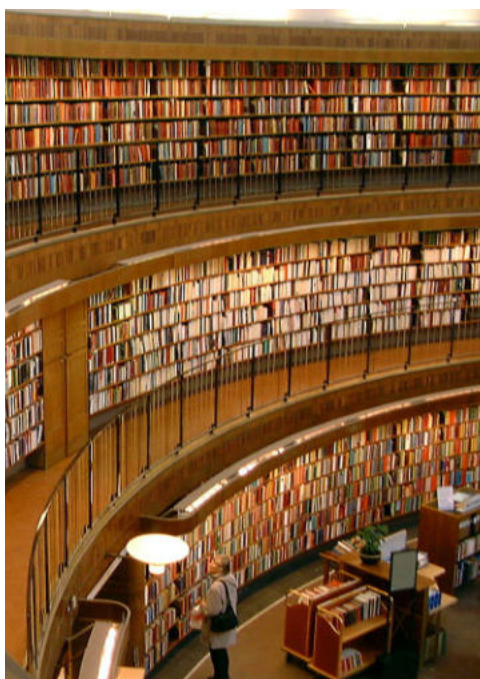




Biblioteca pública de
Estocolmo
**pormenor das
estantes**

**escadas de acesso
às galerias**

página anterior:
**sala de leitura
principal**



Biblioteca pública de
Estocolmo
**vista das galerias
da sala de leitura
principal**

sala de exposições

página anterior:
Biblioteca pública de
Estocolmo
**sala de leitura
principal**

Biblioteca pública de
Estocolmo
sala de leitura este

**vista da sala de
leitura este sobre o
parque de
Sveavägen**



Biblioteca pública de
Estocolmo
sala de leitura oeste

**escada de acesso à
galeria**





Biblioteca pública de
Estocolmo
**vista do vestíbulo da
entrada sobre ponte
do último piso**

**vista sobre ponte do
último piso**



Biblioteca pública de
Estocolmo
sala do diretor

Biblioteca pública de
Estocolmo

hieroglifos

volumetria

tipografia

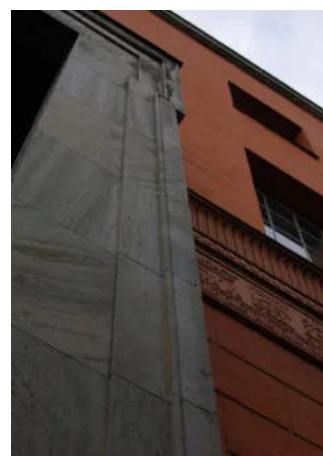


Biblioteca pública de
Estocolmo

**entrada por
Sveavägen**

bustos

**pormenor do pórtico
da entrada**



Biblioteca pública de
Estocolmo

**vista do
observatório sobre
a biblioteca**

pormenor do alçado

**pormenor da porta
da entrada, Adão e
Eva**

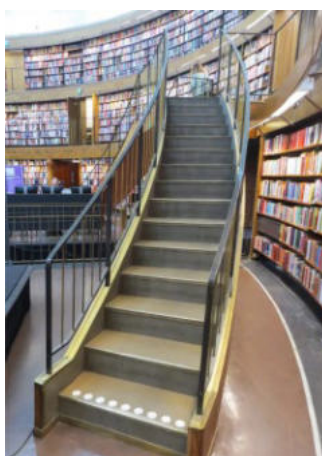




Biblioteca pública de
Estocolmo
passa mão

"A Ilíada", Homero
vestíbulo da entrada

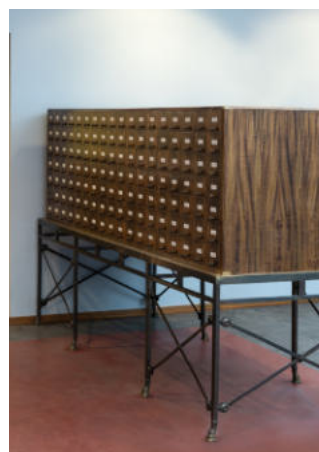
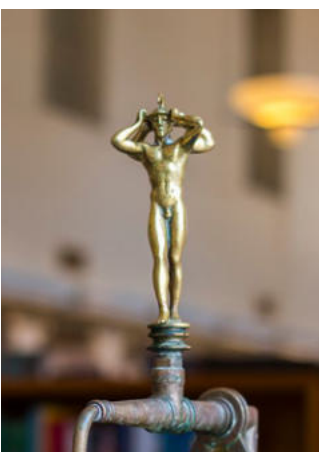
detalhe da ombreira
do pórtico



Biblioteca pública de
Estocolmo
escada acesso às
galerias

estereotomia do
pavimento

candeeiro da sala
de leitura principal



Biblioteca pública de
Estocolmo
estantes e relógio

fonte

mobiliário

¹ ZEVI, 2000, p.54

² WREDE, 1983, p.125

A volumetria da Biblioteca de Estocolmo apresenta formas muito claras: um cilindro sobre uma forma retangular mais baixa. Caracterizada "por la contraposición de volúmenes elementales: el cuadrado, el cubo, el cilindro, casi hacen em planteo general un edificio purista"¹.

O cilindro é o elemento de maior destaque na forma. Elevando-se acima do retângulo, atua como foco visual e simbólico. Ganhando destaque tanto pela sua forma como função. No interior a sua presença é ainda mais impactante, pela sua sala circular e pela iluminação natural que entra pelo clerestório central.

Tratou-se dum período de mudança na obra do arquiteto. O novo classicismo que se havia desenvolvido na Suécia, inspirado pelas influências clássicas gregas e romanas, começa agora a ser questionado pelos novos conceitos funcionalistas que surgem um pouco por toda a Europa. Este conceito surge reforçado quando Stuart Wrede afirma que tais valores permitiram criar uma obra de cariz intemporal, que caso contrário não teria sido possível.

"has continue to exercise a powerful imaginative impact because of it's timeless formal rigor and it's strong psychological and symbolic dimensions"²

A volumetria do edifício caracteriza-se pela contenção formal e pela ausência de ornamento supérfluo, recorrendo a elementos decorativos apenas quando estes têm valor simbólico ou comunicativo. Como é o caso das referências às formas egípcias nas fachadas e das representações de obras intemporais da literatura, nomeadamente à *Ilíada* de Homero. A pureza formal manifesta-se nas proporções rigorosas, na cadência das aberturas e na simetria tanto da planta como dos alçados.

O exterior assume um carácter maciço e robusto, o que confere uma presença sólida no tecido urbano. A estrutura, cria uma grande capacidade de armazenamento dos livros ao mesmo tempo que cria um espaço agradável, funcional e confortável para o utilizador, cumprindo os seus objetivos.

As grandes janelas proporcionam um ambiente de luz abundante natural, que convida à leitura e ao estudo. Os materiais escolhidos conferem um ambiente de durabilidade e estabilidade.

No interior, a luz define a atmosfera. Na entrada, os materiais escuros, como o revestimento preto das paredes, a presença de elementos frios como a pedra das escadas ou dos elementos ornamentais, contrastam com a imensa entrada de luz que se faz nas salas de leitura e com o calor transmitido pela madeira presente por toda a sala, desde as estantes ao chão e com a iluminação que as grandes janelas altas deixam entrar sobre os espaços refletindo nas paredes brancas.



Biblioteca pública de
Estocolmo
**vista da biblioteca
do observatório**



Biblioteca pública de
Estocolmo
**clerestório da sala
de leitura principal**



Biblioteca pública de
Estocolmo
**representação da
Iliada, Homero, no
vestíbulo da entrada**

O projeto não só revela como foi alcançada a forma funcional, mas também como se cria a relação de integração no território. Para melhor compreender esta solução é necessário analisar todo o processo.

A evolução dos desenhos de Asplund revela uma investigação contínua, mantendo intenções desde as primeiras propostas, enquanto outras se transformam à medida que o projeto se aprofunda.

Os primeiros desenhos mostram vontades que já existiam desde o início do projeto e outras que ganharam forma aquando do aprimorar do desenho. Inicialmente, o projeto não se limita ao terreno da biblioteca. Asplund projeta parte do quarteirão, estudando uma intervenção geral da envolvente. A sua intervenção torna-se mais ampla do que o espaço consignado à biblioteca.

Mostravam a vontade de desenhar cidade, uma constante durante o percurso de Asplund. Mais do que uma resposta ao programa, o arquiteto procurava resolver os problemas do lugar.

Nos desenhos da implantação de 1919, é já notória a vontade de responder ao desenho do quarteirão. Asplund não só projeta a primeira proposta de volume da biblioteca como também um parque, um complexo universitário e respetivo arranjo urbanístico. O volume retangular está já presente desde os primeiros desenhos. O projeto já indica a criação dum espaço fechado de todos os lados, com quatro alas em torno dum espaço central, aqui retangular também. Alinhado segundo a rua Sveavägen, e criando um espaço, que define uma praça ou átrio de entrada na biblioteca, no cruzamento das duas ruas.

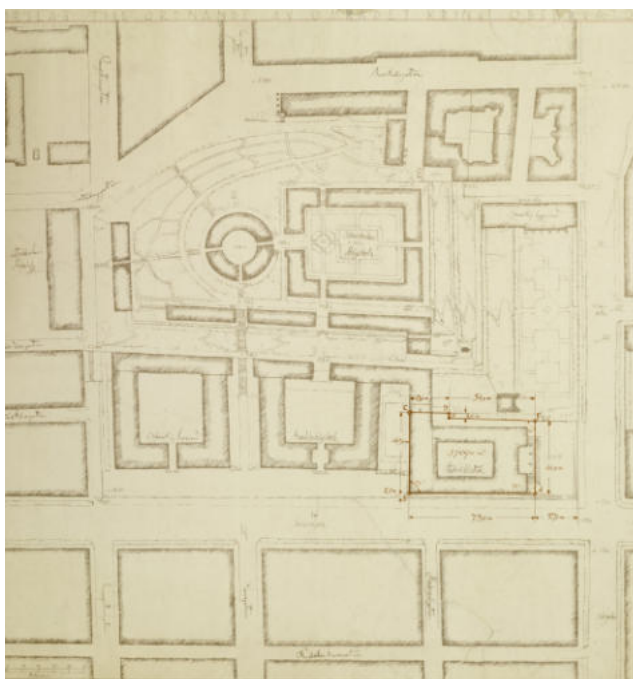
Este ligava a um outro volume que faria parte do complexo universitário aqui proposto. Uma série de volumes previstos para albergar a universidade de Estocolmo. Com parte desse complexo a ocupar o espaço da colina e do observatório.

Propõe ainda um parque por Odengatan, e a criação dum sistema de percursos que permitiam a fluidez do espaço. Isto permitia-lhe criar pontos de circulação e jogar com as várias diferenças de cotas, desde a cota da rua, à cota natural do terreno até à cota da colina onde estava implantado o observatório. Alterna esta intervenção entre percursos, escadas e espaços de estar.

Asplund vai, através do desenho, procurando e experimentando outras implantações e formas, refletindo-se no volume, implantação e envolvente. Há um constante reajustamento do espaço do parque e dos espaços verdes, dos percursos e da ligação do projeto à rua. Nestes esboços iniciais vimos surgir a forma circular. Ainda como forma de perceber como a integrar no contexto, é estudada das formas variadas: espaço de entrada, espaço central, elemento de charneira entre duas alas, espaço intermédio, e até mesmo como um volume individual. Primeiro como espaço de entrada, aliado à praça criada, a mover-se para o interior do projeto, ou até a servir como charneira entre as diferentes alas.



Biblioteca pública de
Estocolmo
pormenor do alçado



Biblioteca pública de
Estocolmo
implantação, 1919

¹ WREDE, 1983, p.109

Em 1921 temos a primeira planta estabilizada: quatro alas a formar um quadrado, ocupado por um círculo no espaço central.

As alterações que vão ocorrer em planta acabam por ser menores, reajustamentos de espaços, ou a introdução de certas salas, tendo a forma de funcionamento ficado praticamente definida desde o início.

As mudanças principais dão-no ao nível exterior, na linguagem dada à biblioteca. Partindo de um volume maciço, de formas clássicas, a cúpula que é substituída pelo cilindro, a fachada com motivos clássicos como as colunas monumentais, e elementos ornamentos, é substituída pelo pórtico e o ornamento reduzido ao friso de hieroglifos.

Um volume monumental, que demonstrava um rigor do desenho e uma grande influência das obras italianas estudadas.

Os primeiros desenhos já mostram esta vontade de desenhar a sala de leitura com três galerias, que criavam um efeito em escada visível em corte. Pelos desenhos percebe-se o desenho circular da sala que era ainda enfatizado perspectivamente pela variação de tamanhos dos caixotões.

No desenho da cúpula podemos ir buscar o projeto do Panteão de Roma como a referência mais clara. Gunnar Asplund usa a ideia do efeito decrescente dos caixotões de forma a aumentar o efeito perspetico e criar a ilusão dum espaço mais alto do que verdadeiramente é. Quando no Panteão esta ilusão pretendia quase uma ascensão do espírito, na biblioteca de Estocolmo poderia ter surgido como uma vontade de associar ao conhecimento¹.

Podemos encontrar outras semelhanças entre estes dois projetos, no desenho do pórtico da entrada. Ambos recorrendo a colunas monumentais de forma a marcar o alçado e mostrar a imponentia do espaço.

Nos planos de 1922, mantém-se a implantação que priorizara a praça no cruzamento das duas ruas e o parque sobre Odengatan. Nesta fase de projeto ainda há a vontade de desenhar o espaço para os edifícios da Universidade de Estocolmo. Ainda nestes desenhos podemos ver a presença da cúpula, inicialmente projetada para a sala de leitura circular, e que mais tarde vai ser substituída pela forma do cilindro, por motivos estruturais e formais¹.

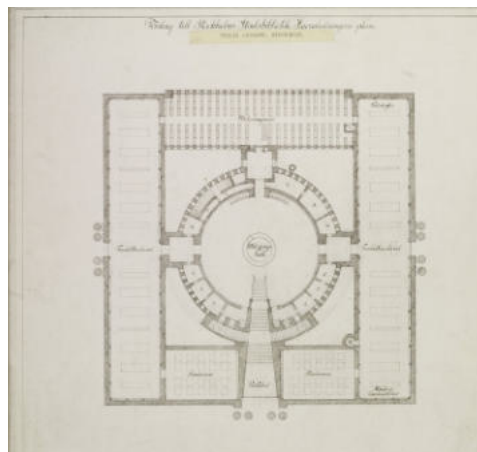
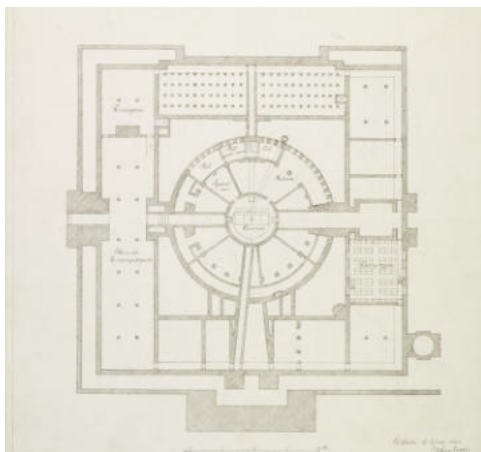
Com esta mudança o arquiteto consegue uma imagem mais depurada de todo o projeto. As entradas de luz passam a fazer-se através de janelões na fachada. Este aspeto acabou por se revelar um melhoramento no projeto. Através do clerestório, a luz difunde-se por toda a superfície do cilindro, nunca incidindo diretamente sobre as mesas de trabalho. O que permitia a proteção do olhar do utilizador. A solução anterior com a cúpula não permitia um controle tão grande da luz. Acabando por criar feixes de luz direta sobre os livros, o que perturbaria a utilização do espaço.

Asplund explora a forma simbólica, adaptando-a aos tempos. Os elementos

Biblioteca pública de
Estocolmo

1921, piso 0
planta da cave

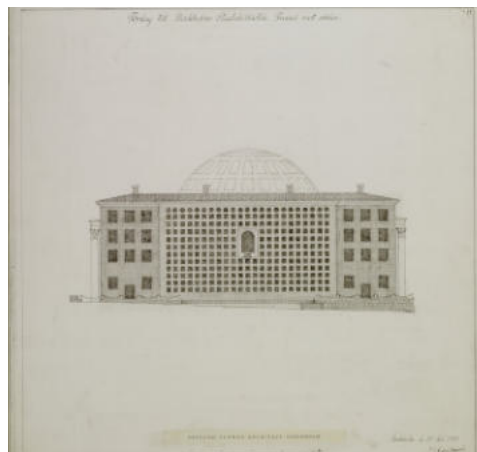
1921, piso 3



Biblioteca pública de
Estocolmo

1921, alçado este

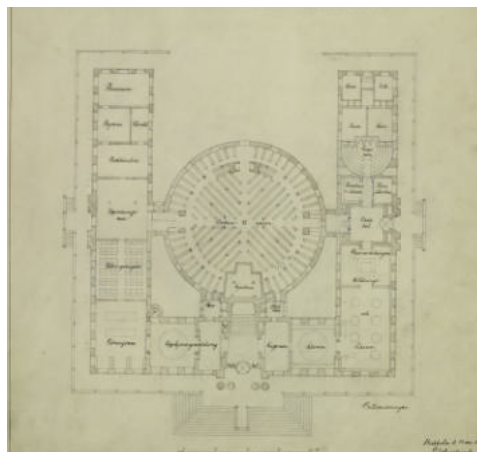
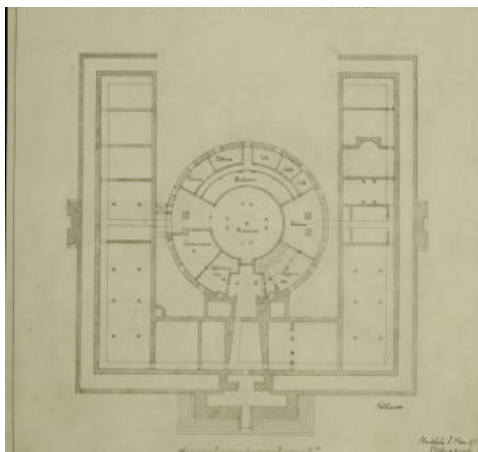
1921, alçado oeste



Biblioteca pública de
Estocolmo

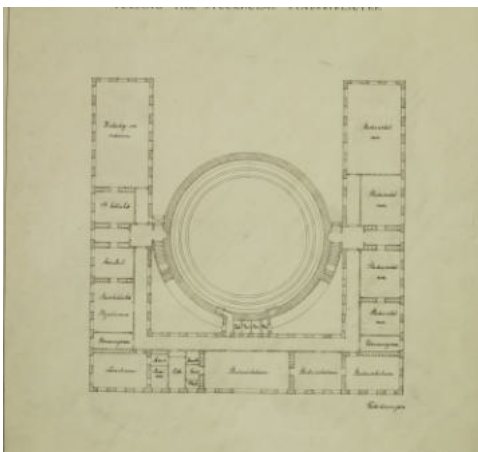
1921, alçado sul



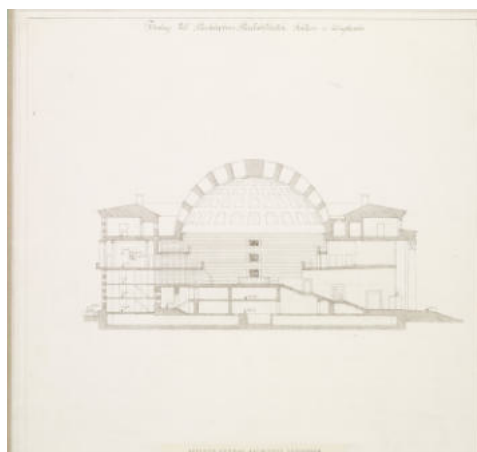
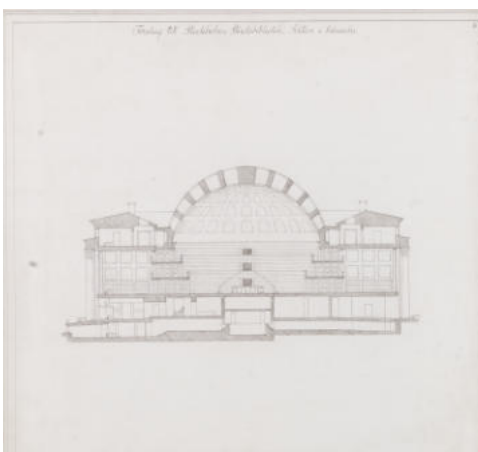


Biblioteca pública de
Estocolmo
1923, piso 0
planta da cave

1923, piso 2



Biblioteca pública de
Estocolmo
1923, piso 6



Biblioteca pública de
Estocolmo
1923, corte norte
sul

**1923, corte este-
oeste**
**pela escada da sala
de leitura principal**

de monumentalidade inspirados no clássico grego e romano, das grandes colunas, dos pórticos encimados por frisos e esculturas, ganham uma dimensão mais depurada. Os mesmo elementos são apropriados por formas simples e despojadas de ornamento. O pórtico perde as colunas monumentais, o friso, e a esculturas que o encimam a cúpula é abandonada e o ornamento reduz-se ao friso de hieroglifos que representam os temas tratados dentro da biblioteca. No geral, a obra é alterada para alcançar uma monumentalidade mais abstrata

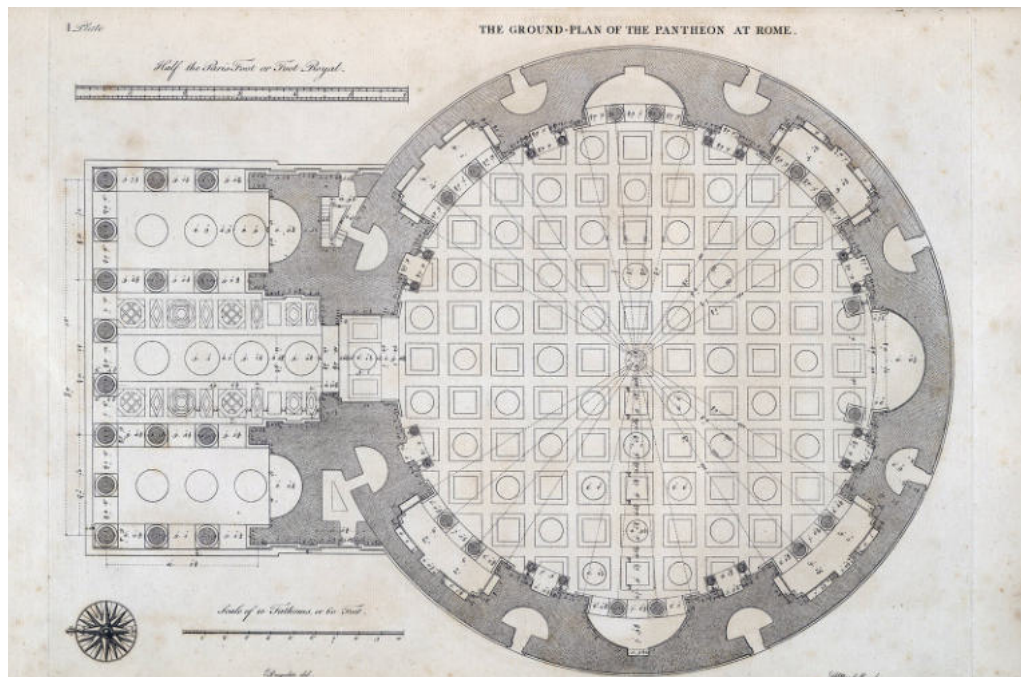
A biblioteca foi, inicialmente construída com três alas, o que se reflete nos desenhos de 1923, que antecederam o início da construção. A ala oeste é mais tarde construída, tendo ficado concluída em 1931.

Na procura por uma solução que concilie a clareza formal com a dimensão simbólica, a obra de Asplund aproxima-se de outros momentos históricos em que ideias semelhantes foram exploradas. Neste contexto, a comparação com o projeto visionário de Étienne-Louis Boullée para a Biblioteca Nacional Francesa, revela similaridades conceituais entre as duas propostas separadas por séculos. Como afirma Bruno Zevi:

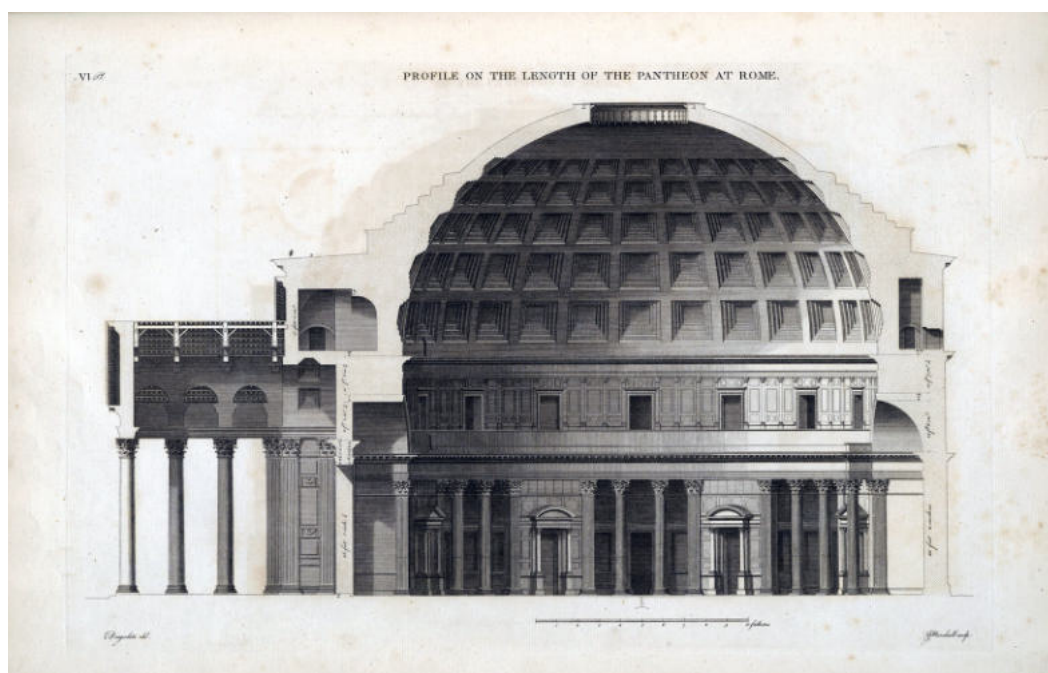
“Si se compara el proyecto de 1921 para la “Biblioteca Municipal” de Estocolmo com el edificio concluído siete años después, se podrá apreciar el progreso simplificador de Asplund. No más columnas em la entrada, no más cúpula: se mantiene una planta cerrada, una serie de cornisas decoradas y algún portal. Pero, aquí también nada monumental: interiores simples, alegres “a escala humana”; ecos clasicistas, sí, pero ecos lejanos...”¹.

E é nesta simplificação que surge a influência de Boullée. Os seus desenhos defendem formas geométricas simples e puras (esferas, cilindros, cubos) como expressões universais e sublimes da razão e da natureza. E o desenho da biblioteca fica marcado pelo desenho de formas claras. Com o cilindro na base quadrada. Evocando uma clareza racional. E desta forma ambos atuam numa monumentalidade abstrata, despojada, grandes volumes puros, com ornamento colocado de forma metódica e com um peso simbólico forte.

As estantes em três alturas, o grande pé-direito e a entrada de luz superior. São tudo elementos caracterizadores de ambos os projetos.



Panteão de Roma
planta



Panteão de Roma
corte

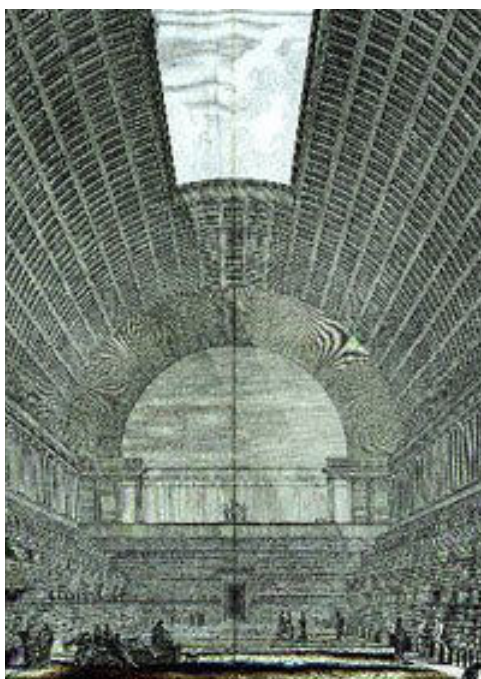
Panteão de Roma
pormenor da entrada



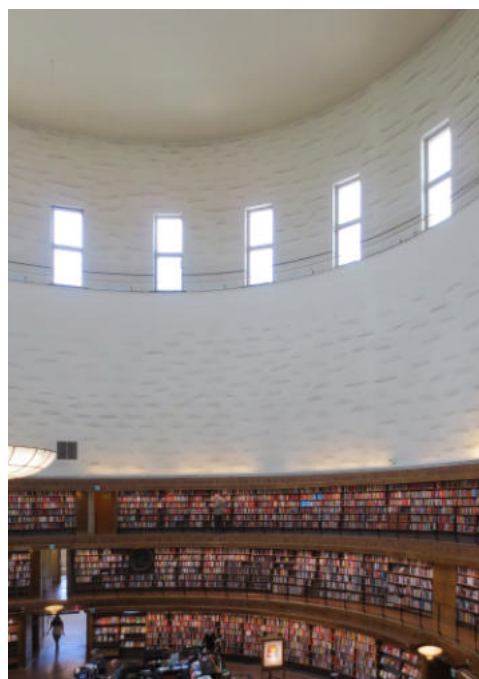
Biblioteca pública de Estocolmo
pormenor da entrada

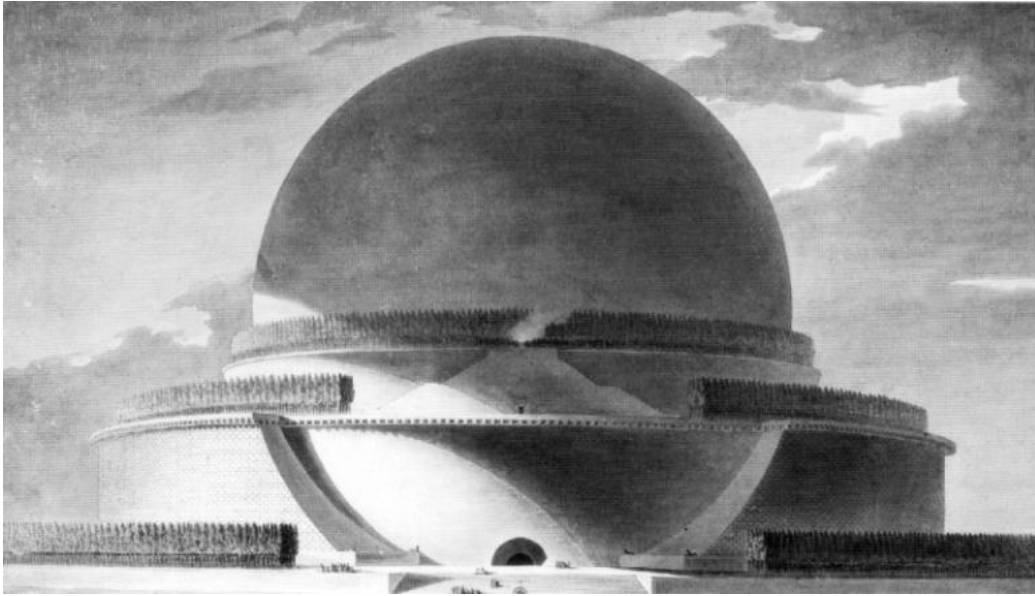


Étienne-Louis Boullée
Biblioteca nacional
pormenor da sala de leitura principal



Biblioteca pública de Estocolmo
pormenor da sala de leitura principal





Étienne-Louis Boullée
Cenotáfio de Newton



Gunnar Asplund
Biblioteca Pública de Estocolmo





BIBLIOTECA MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO

pagina anterior:

Viana do Castelo

**biblioteca municipal
de Viana do Castelo,
vista da margem
de Darque**

A biblioteca municipal de Viana do Castelo, da autoria de Álvaro Siza, insere-se na frente ribeirinha da cidade, ao longo da marginal do rio Lima, de acordo com o traçado urbano projetado por Fernando Távora.

O edifício foi encomendado pela Câmara Municipal de Viana do Castelo, no âmbito do Programa POLIS - Programa de requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades. A sua construção iniciou-se em 2004 e foi inaugurado em janeiro de 2008.

Este programa visava a requalificação urbana e ambiental de 28 cidades, através de intervenções que promovessem a multi funcionalidade dos centros urbanos, a valorização de espaços públicos, a criação de áreas verdes e pedonais, e o controlo do tráfego automóvel em zonas estratégicas.

Em Viana do Castelo, o programa foi desenvolvido em três planos de pormenor: 1. Centro Histórico; 2. Campo da Senhora da Agonia e Frente Ribeirinha; 3. Parque da Cidade. Com objetivos comuns de revalorização arquitetónica e urbana, os planos incluíam ações como a recuperação de edificações degradadas, requalificação de mobiliário urbano, redesenho de ruas e passeios, o reordenamento das vias pedonais e rodoviárias, e a criação de uma área verde, paralela ao rio Lima. Entre as medidas destacam-se a criação de uma ciclovia ligando o mar, rio, serra e centro histórico, a instalação de um núcleo de monitorização ambiental, o incentivo à recuperação de imóveis e a construção de equipamentos públicos de qualidade.

A biblioteca municipal de Viana do Castelo insere-se no “Plano de Pormenor da Frente Ribeirinha”



Viana do Castelo
**planta de pormenor
da Frente
Ribeirinha e
Senhora da Agonia
desenho nº5**



Viana do Castelo
**planta de pormenor
da Frente
Ribeirinha e
Senhora da Agonia
desenho nº6**



Viana do Castelo
**planta de pormenor
da Frente
Ribeirinha e
Senhora da Agonia
desenho nº7**

A área de implantação funcionou como aterro portuário até 1980, e posteriormente, como parque de estacionamento. Desde os anos 1990, havia intenção de reconverter este espaço.

Fernando Távora integrou a equipa responsável pelos estudos urbanísticos da frente ribeirinha de Viana do Castelo, reconhecendo o papel fundamental da linha de água no contexto da integração espacial da cidade. A marginal do rio Lima foi encarada como ponto fulcral para a revitalização urbana, promovendo não só a melhoria da qualidade ambiental mas também a coesão social no tecido urbano.

Deste estudo resultou a proposta de intervenção, assente na relação entre cidade e rio, promovendo um contacto mais direto com a linha de água, elemento central da identidade de Viana.

Távora foi ainda responsável pelo desenho da Praça da Liberdade, inaugurada em 1999 que servia como homenagem ao 25º aniversário da Revolução dos Cravos. Na praça reúnem-se três projetos de três arquitetos distintos. Fernando Távora desenhou os dois edifícios de escritórios que ladeiam a praça. De planta retangular e uma galeria com espaços comerciais no piso térreo. A praça é ainda completada com uma escultura de José Rodrigues, a invocar o 25 de abril de 1974. A praça desenha-se com um espelho de água central e com 40 repuxos representativos das freguesias do concelho.

A sudoeste e da autoria de Eduardo Souto Moura, o Pavilhão Multiusos, inaugurado em 2013. Um edifício parcialmente enterrado, e com as instalações deixadas de forma aparente como que a evocar a arquitetura naval. E a nordeste da praça a Biblioteca Municipal de Viana do Castelo

A intervenção urbana valorizou o espaço público, com ruas e calçadas alargadas, áreas verdes, passeios redefinidos, mobiliário urbano redesenhado e zonas de permanência junto à margem do rio.

Álvaro Siza foi convidado a projetar a biblioteca municipal respondendo simultaneamente às exigências do programa e ao contexto urbano e paisagístico da frente ribeirinha em transformação.



Viana do Castelo
**parque de estacionamento da frente ribeirinha antes da
 implantação do programa POLIS
 2003**

Viana do Castelo
frente ribeirinha, situação atual







Viana do Castelo
Praça da Liberdade



Viana do Castelo
**Praça da Liberdade,
vista sobre Avenida
dos Combatentes da
Grande Guerra**





Viana do Castelo
Praça da Liberdade



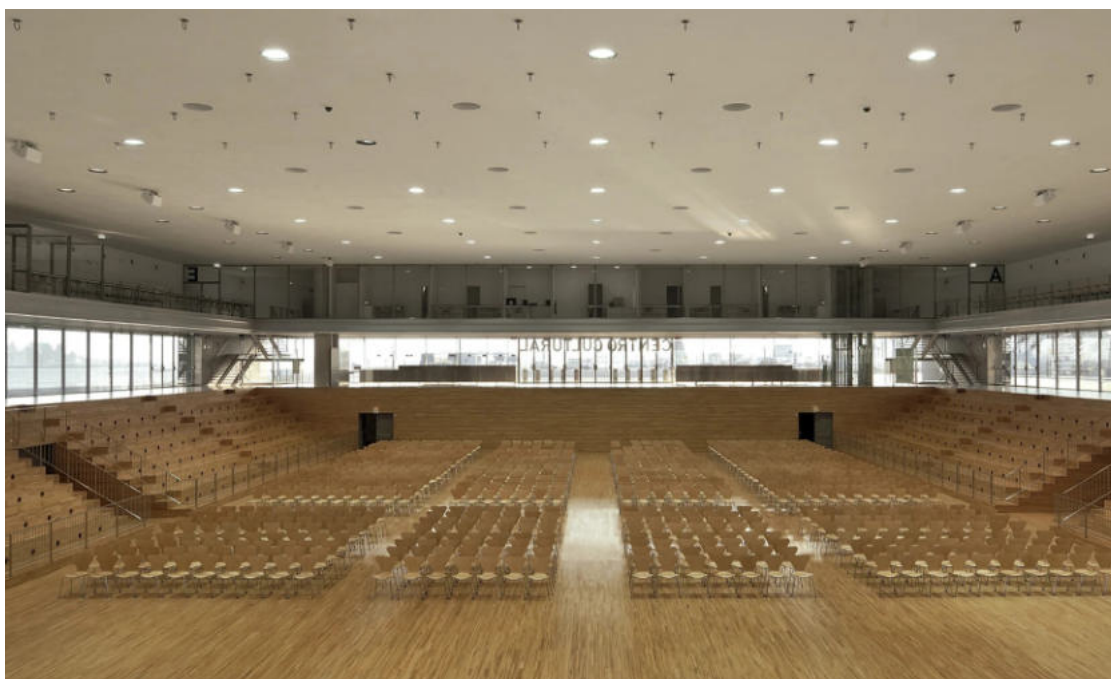
Viana do Castelo
**pormenor dos
repuxos com
menção às
freguesias do
concelho**

**esquiço do projecto
para Praça da
Liberdade,
Fernando Távora**

Viana do Castelo
Centro cultural,
alçado oeste



Viana do Castelo
Centro cultural,
interior



Viana do Castelo
Praça da Liberdade,
vista da Praça do
Eixo Atlântico



Viana do Castelo

Praça da Liberdade,
vista para nordeste,
pela marginal



Viana do Castelo

Praça da Liberdade,
vista para sudoeste,
pela marginal





Viana do Castelo
**Praça da Liberdade,
 vista do túnel para
 o espaço dos
 repuxos**



Viana do Castelo
**Praça da Liberdade,
 vista do túnel para
 a biblioteca**

A biblioteca surge como parte integrante de uma estratégia mais ampla de valorização do espaço urbano, respondendo tanto ao programa adequado às necessidades atuais como às exigências de um desenho urbano coerente com a identidade da cidade.

A implantação da biblioteca faz-se de forma longitudinal e paralela ao rio. Em conformidade com que é o traçado da cidade medieval. Introduce uma nova escala e presença arquitetónica na paisagem da marginal. À direita é aberto um percurso paralelo ao rio, seguido da implantação da biblioteca que remete para os quarteirões paralelos ao rio tão habituais na cidade antiga.

A forma como a biblioteca toca o terreno vai marcar muito a sua implantação. Ao elevar o espaço das salas de leitura, o arquiteto permite uma maior fluidez entre a cidade e o rio. Cria uma transparência tanto visual como física.

A biblioteca organiza-se através duma malha regular. O quadrado torna-se a definição dos espaços.

A planta revela uma organização rigorosa e clara. A implantação desenha-se num retângulo dividido em três quadrados de 45 metros de lado. Este esquema permite uma clara diferenciação dos espaços que cada sector comporta.

Esta organização do espaço permite uma clara distribuição do programa de cada sector. Se o primeiro alberga, na sua maioria, os espaços disponíveis ao público, o quadrado central é dedicado aos serviços administrativos, de arquivo ou acervo. O terceiro quadrado é destinado a um espaço de jardim.

A disposição dos volumes, em torno deste núcleo central vazio, sugere uma leitura centrada: é o vazio que organiza, respira e define os cheios. A planta, embora compacta, multiplica-se em percursos, em transparências e em relações visuais cruzadas entre os espaços interiores e a envolvente urbana e paisagística.

No piso térreo localiza-se a entrada principal, marcada por um átrio que distribui os acessos. Junto a esta entrada situa-se um espaço de cafetaria, acessível tanto a utilizadores da biblioteca como ao público em geral, desta forma promove-se a integração entre edifício e espaço urbano. Neste nível, encontram-se também o balcão de atendimento, a escadaria principal, que faz a ligação às salas de leitura do piso superior, e a Sala Couto Viana, um espaço polivalente e os seus respetivos apoios (salas de arrumos e instalações sanitárias) preparado para a realização dos mais variados programas, como colóquios, conferências, apresentação de livros etc. Numa área de acesso restrito existe a sala do fundo local e de acesso aos reservados, os espaços de depósitos, e espaços exclusivos da equipa técnica, como espaços técnicos, sala de refeições, sala do diretor e os respetivos acessos verticais.

Viana do Castelo

**relação entre o traçado da cidade
medieval com a implantação da
biblioteca**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**organização do
espaço:**

1 acesso ao público



**2 serviços
administrativos**



3 jardim



Biblioteca municipal de Viana do Castelo
**diferentes altimetrias do jardim, serviços
administrativos e alas de acesso público**



O piso superior organiza-se a partir da ala Jorge Amado, de acesso vertical, que integra uma zona de atendimento - esta é a única das quatro alas que não é dedicada na sua totalidade à leitura. As restantes alas distribuem-se da seguinte forma: ala norte, denominada Fernando Pessoa, alberga o espaço infantojuvenil; a ala sul, Luís de Camões, e a ala oeste, José Saramago, acolhem, respetivamente, o setor dos periódicos e outras áreas de leitura. A circulação é assegurada por um corredor central que atravessa as salas, criando duas zonas distintas em cada uma: um voltado para o vazio central do edifício e outro orientado para o exterior, com vistas para o rio Lima, para o edifício de Fernando Távora e para a cidade. As estantes dispõem-se paralelamente ao corredor, intercaladas com mesas de estudo, assegurando uma leitura fluida do espaço.

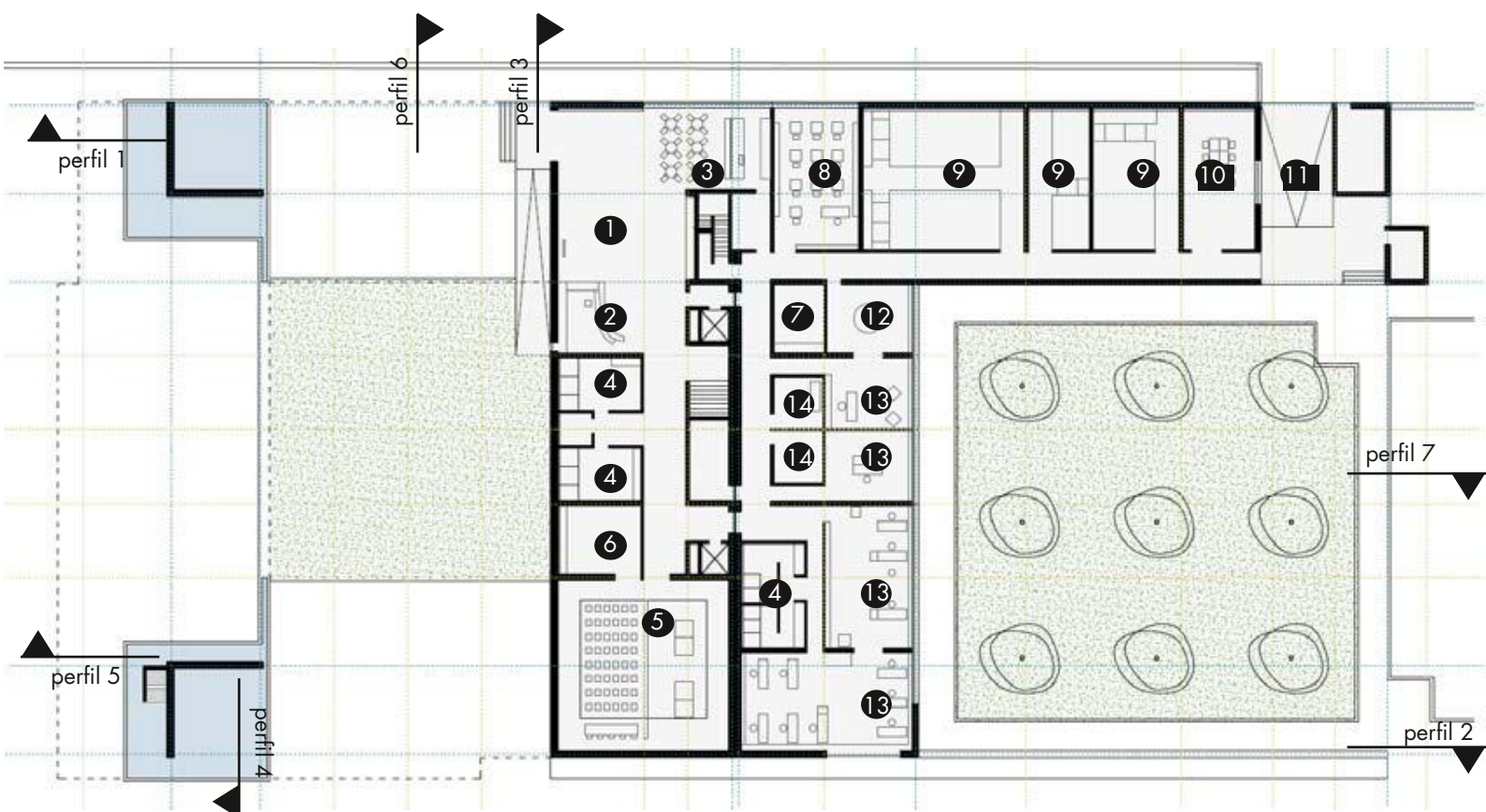
Os nós entre as alas são ocupados por espaços complementares: área de expressão, bebéteca, sala do Conto, espaços de áudio/vídeo e multimédia e ainda salas de leitura especial ou de formação.

A circulação na biblioteca é cuidadosamente desenhada para garantir a independência entre os percursos dos utilizadores e os da equipa técnica, evitando sobreposições ou interferências. Para isso, o edifício dispõe de uma entrada independente para o pessoal, localizada de forma discreta no quadrado central do espaço administrativo, bem como acessos verticais exclusivos que permitem a ligação direta entre os diferentes espaços técnicos dos dois pisos.

Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
piso 0

- | | |
|---|-------------------------------|
| 1 entrada | 11 entrada de serviço |
| 2 balcão de atendimento | 12 sala do director |
| 3 cafetaria | 13 serviços técnicos |
| 4 instalações sanitárias | 14 área técnica |
| 5 auditório | 15 área infanto-juvenil |
| 6 arrumos | 16 área de expressão |
| 7 sala do pessoal | 17 bebéteca |
| 8 fundo local / sala de consulta
de reservados | 18 ala Fernando Pessoa, norte |
| 9 depósito | 19 sala do Conto |
| 10 depósito de difusão | 20 sala áudio/vídeo |
| | 21 sala multimédia |

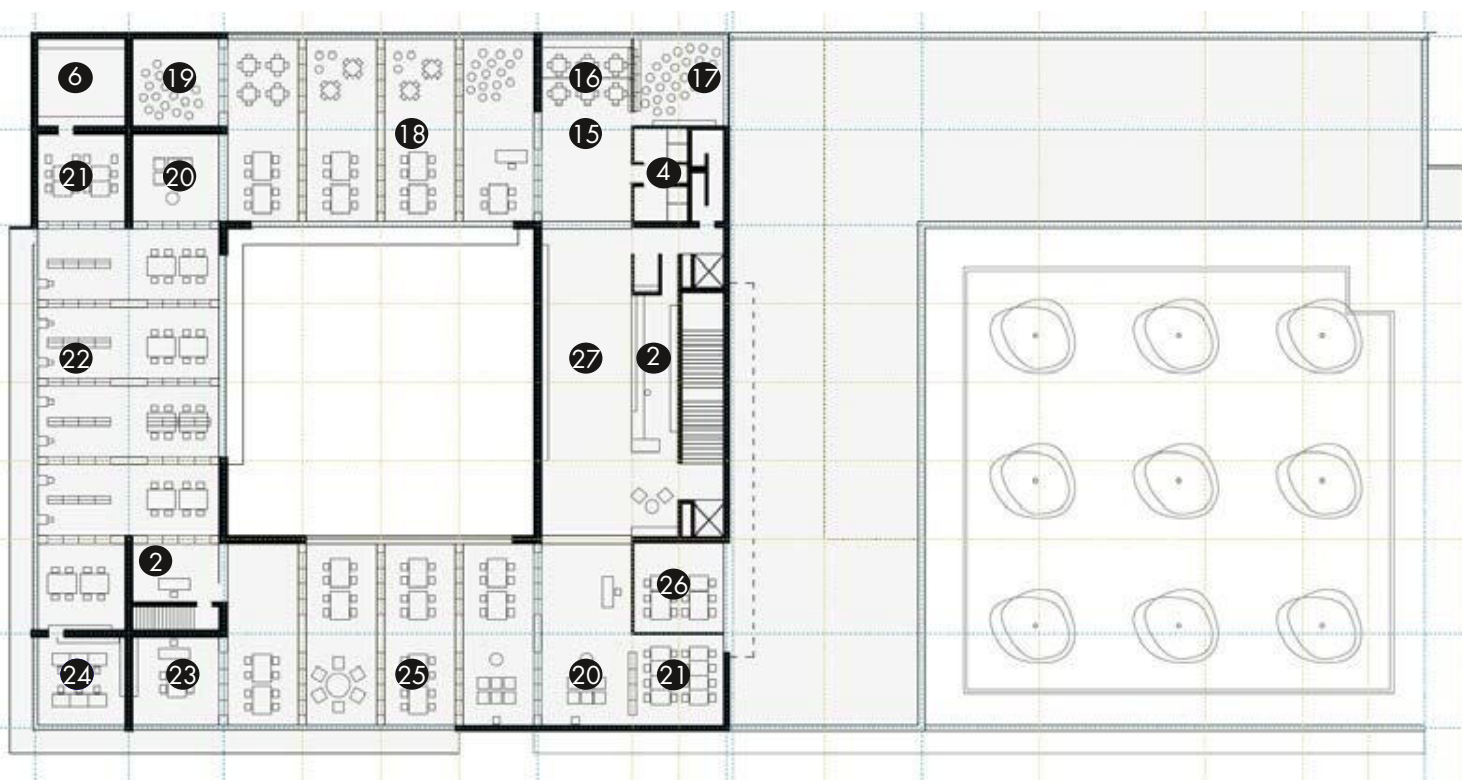
- 22 ala José Saramago, oeste
23 área de leitura especial
24 sala de auto-formação
25 ala Luís de Camões, sul
26 sala de formação
27 ala Jorge Amado, este



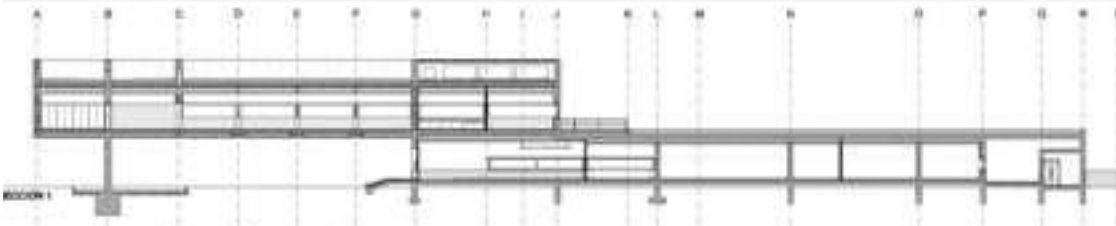
- | | |
|--|-------------------------------|
| 1 entrada | 11 entrada de serviço |
| 2 balcão de atendimento | 12 sala do director |
| 3 cafetaria | 13 serviços técnicos |
| 4 instalações sanitárias | 14 área técnica |
| 5 auditório | 15 área infanto-juvenil |
| 6 arrumos | 16 área de expressão |
| 7 sala do pessoal | 17 bebéteca |
| 8 fundo local / sala de consulta de reservados | 18 ala Fernando Pessoa, norte |
| 9 depósito | 19 sala do Conto |
| 10 depósito de difusão | 20 sala áudio/vídeo |
| | 21 sala multimédia |

- 22 ala José Saramago, oeste
 23 área de leitura especial
 24 sala de auto-formação
 25 ala Luís de Camões, sul
 26 sala de formação
 27 ala Jorge Amado, este

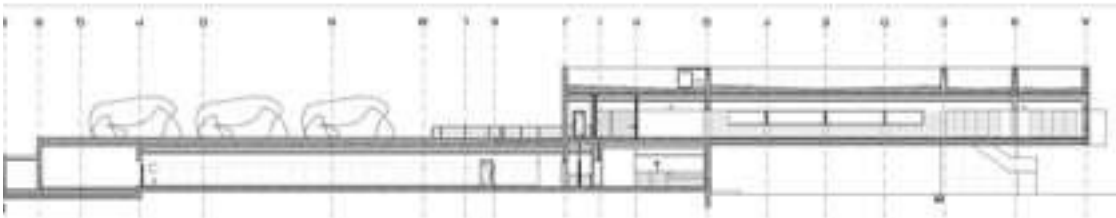
Biblioteca municipal de
 Viana do Castelo
piso 1



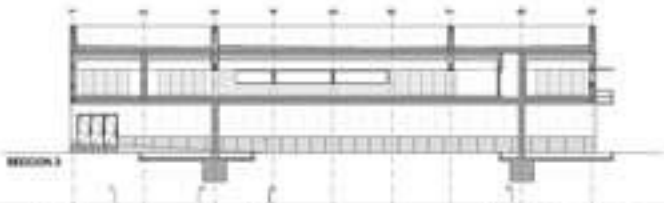
perfil 1



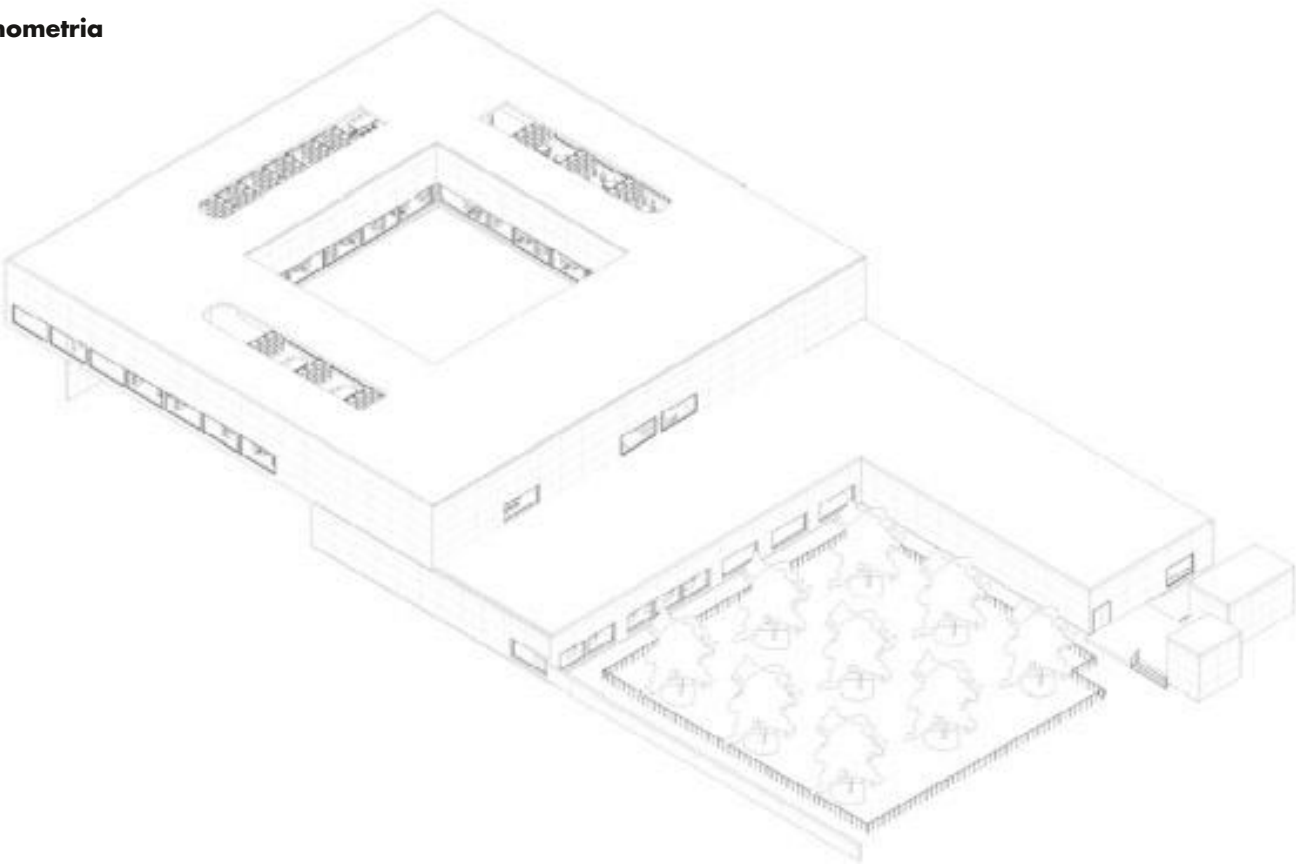
perfil 2



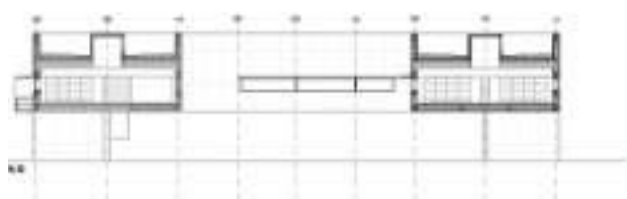
perfil 3



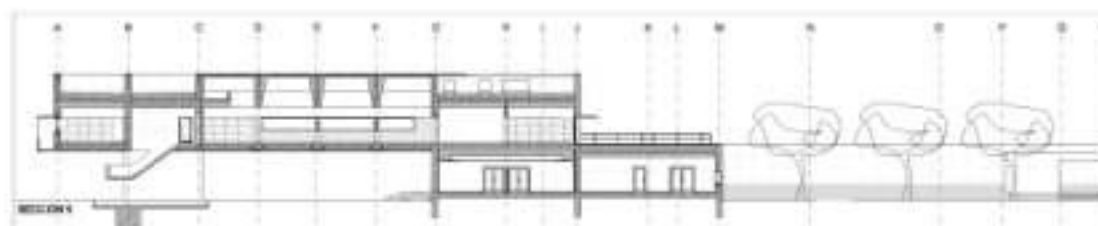
axonometria



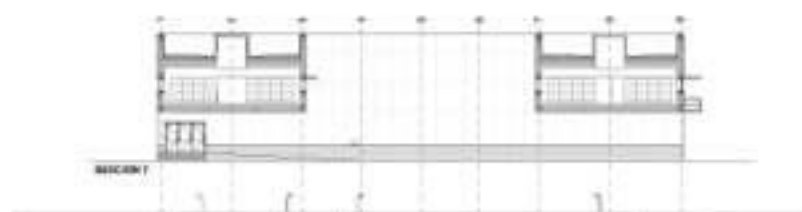
perfil 4



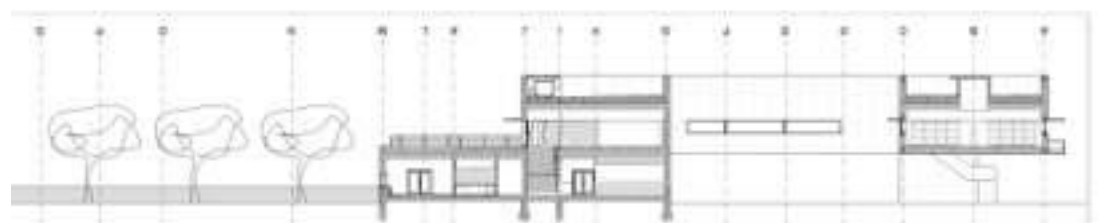
perfil 5



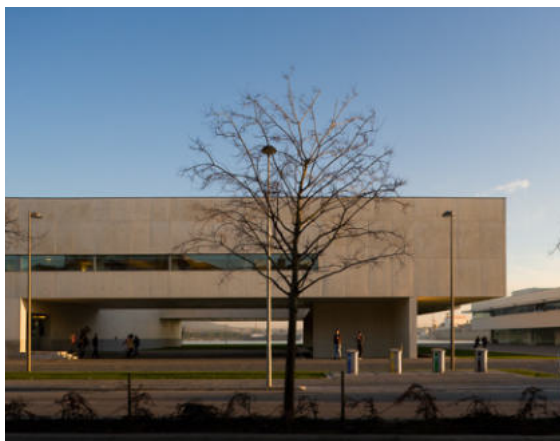
perfil 6



perfil 7



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
alçado norte



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
entrada





Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**entrada, balcão de
atendimento**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
cafetaria

Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**sala Couto Viana,
polivalente**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**fundo local sala de
acesso aos
reservados**





Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
depósito



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
depósito de difusão

Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**sala de serviços
técnicos**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**sala de serviços
administrativos**





Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**sala do pessoal,
copa**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
entrada de serviço

Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**escadaria de acesso
às salas de leitura**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
área de expressão

bébeteca





Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**ala Fernando
Pessoa,
infanto-juvenil**

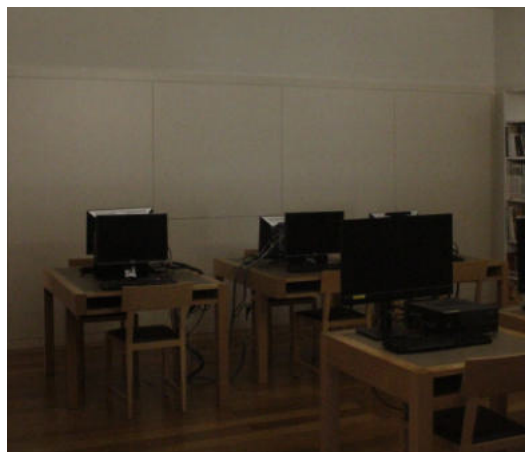


Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**ala Fernando
Pessoa, pormenor
do espaço entre
estantes e janelas**

**vista para o pátio
central**

Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
áudio/vídeo

sala multimédia

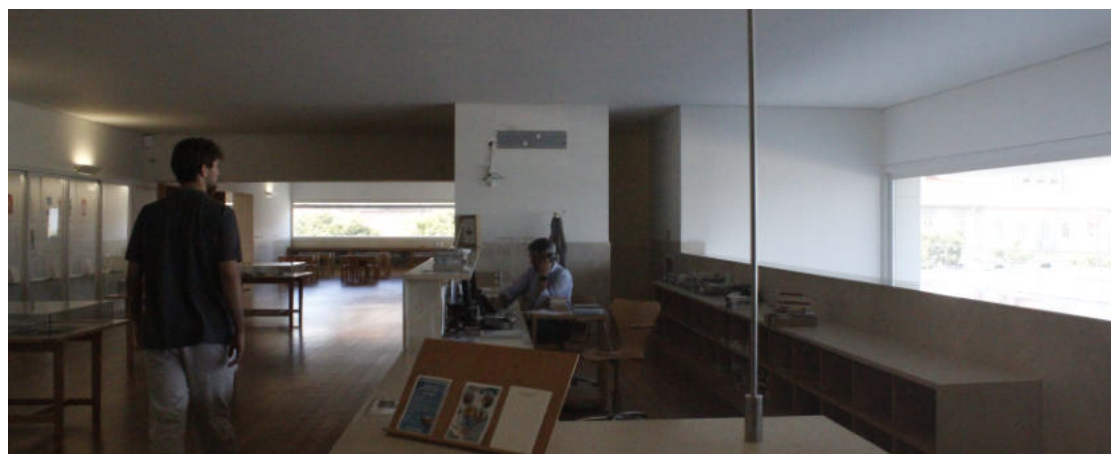


Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
áudio/vídeo

espaço de estudo



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**ala Jorde Amado,
balcão de
atendimento**





Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
ala José Saramago



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
ala Luís de Camões

Biblioteca municipal de
Viana do Castelo

**pormenor do
caixilho com pala,
vista exterior**

**estereotomia da
fachada**

**varanda, corrimão,
pala**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo

escada de incêndio

pormenor do peitoril

**pormenor da escada
de entrada**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo

**puxador da porta
da entrada**

**puxador da porta
corta-vento**

**pormenor da
estrutura do corta-
vento**





Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**cadeira da sala
polivalente**

**candeeiro do balcão
de atendimento**

**mesa e cadeira, sala
dos reservados**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**pormenor das
estantes**

**pormenor de porta
de correr**

móvel



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
pormenor da cafeteria

**iluminação das
escadas**

**corrimão das
escadas**

A Biblioteca de Viana enquanto objeto arquitetónico, ultrapassa a organização funcional interna. Tanto a sua implantação como a volumetria criam relações muito próximas à cidade, com particular destaque para a semelhança com a morfologia da cidade medieval.

A repetição do quadrado, dando lugar a uma implantação retangular alongada é facilmente comparável à mancha edificada da cidade medieval. O desenho da cidade remete para longo blocos retangulares alongados e paralelos ao rio, ocasionalmente quebrados por uma rua perpendicular que normalmente apresenta um alargamento maior na quadricula. Para além disso, o limite a este da biblioteca é alinhado segundo a rua que chega da mesma malha e ainda, com o afastamento dado em relação à obra de Fernando Távora, acaba por replicar as ruas perpendiculares ao rio, esta obra procura responder aos vários problemas do sítio onde está implantada. Desde a relação, já referida, com a cidade antiga, com os novos edifícios do programa POLIS, e ainda com o rio Lima.

Álvaro Siza tem aqui o desafio que criar uma relação entre o bloco retangular de Fernando Távora, a oeste, e o jardim da Marina a este que corresponde a cotas altimétricas bastante distintas.

Ao dividir a implantação em três quadrados diferentes o arquiteto dá uma resposta clara a este problema. Enquanto que o quadrado adjacente ao bloco é elevado, criando uma relação de continuidade com a cércea dos outros dois edifícios, criando uma linha quase contínua entre os três projetos, já o corpo inferior acompanha as variações topográficas do terreno. Esta operação oferece uma transição pausada e controlada entre a cota alta dos volumes envolventes e as cotas mais baixas da rua e da frente ribeirinha. O resultado é uma integração subtil e inteligente, que valoriza tanto a relação com o edificado como a experiência de quem percorre o espaço público e permite criar relações tanto físicas como visuais entre o jardim da Marina e o da biblioteca. A presença do rio Lima é um elemento determinante na implantação. O projeto do programa POLIS procurava devolver a frente ribeirinha à cidade, libertando-a do tráfego e reforçando a sua dimensão pública. A biblioteca assume aqui um papel de mediador entre a malha urbana consolidada e a paisagem natural. Para além da implantação, Siza estabelece relações diretas com o rio tanto de forma física como visual. A elevação do primeiro quadrado permite criar um enquadramento visual entre a rua e o rio Lima. A mesma elevação permite o seu atravessamento, facilitando o contado físico com o rio, um gesto que reforça o programa POLIS para Viana. Também no interior, a presença do rio é continuamente evocada. Através de grandes vãos e perspetivas cuidadosamente orientadas, o utilizador é confrontado de forma recorrente com a linha de água. Ainda que a relação física desapareça, a ligação visual permanece, tornando-se parte inseparável da atmosfera da biblioteca.

Viana do Castelo

**representação da implantação da
biblioteca e volumetrias da cidade
medieval**



Viana do Castelo
**relação de
altimetrias dos
edifícios**



Viana do Castelo
parque da Marina





Viana do Castelo
**relação da
 biblioteca com a
 Alameda 5 de
 Outubro**



Viana do Castelo
**relação da
 biblioteca com o
 jardim**

Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
fachada oeste
vista parcial



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
vista sobre o rio
através do pátio





Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**vista sobre o rio no
topo da escadaria
de acesso às salas
de leitura**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**vista sobre o rio na
ala Luís de Camões**

Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**vista sobre o rio na
varanda do alçado
oeste**



O volume tem aqui uma função fulcral em todo o desenvolvimento do projeto. De formas claras e depuradas, elevado do chão, com um pátio central igualmente quadrado, apoiado lateralmente por um volume inferior e, paralelamente por dois pontos estruturais, com janelas corridas pelos vários alçados. Como refere Figueira: "Siza eleva uma obra do solo. Tipicamente trata-se de um edifício com um átrio central, como se uma estrutura conventual pudesse levitar"¹.

Esta elevação cria a sensação de que o volume bruto, aparentemente maciço e em betão, paira no ar. A leveza do volume suspenso é acentuada pela presença de dois pilares que sustentam o volume das salas de leitura. No pilar mais próximo ao rio é colocada uma escada de emergência. Esta peça, tem um cariz escultural. A escada termina sobre um espelho de água com um intervalo entre o último degrau e a superfície da água gera-se um momento de tensão, em que o edifício parece não tocar no chão.

Este volume, aparentemente fechado, revela aberturas cuidadosamente posicionadas que moldam perspetivas, enquadram a paisagem e estabelecem um diálogo entre a arquitetura e o território. A composição formal do edifício não é apenas resposta ao programa, mas um mecanismo projectual que organiza o percurso, define relações visuais e ativa a experiência do utilizador.

Para além da organização funcional e da separação clara entre os fluxos de utilizadores e de serviço, o projeto evidencia uma atenção particular à forma como o espaço é percecionado. A disposição volumétrica, os vazios, e o modo como os percursos se desenrolam no interior e no exterior do edifício são concebidos para criar uma sequência de perspetivas que orientam, surpreendem e, por vezes, revelam gradualmente a envolvente urbana. Estas perspetivas, cuidadosamente construídas, reforçam a relação entre o edifício e o seu contexto, não apenas funcionalmente, mas também sensorial e simbolicamente. Já no exterior é possível perceber esta vontade de criar enquadramentos da paisagem. Ao elevar o segundo piso do chão e permitir a transparência entre a rua e o rio, Siza está já a criar perspetivas, orientações para o olhar. Ao entrar no edifício e ao subir a escada para o piso das salas de leitura uma grande janela, virada a este, dá uma perspetiva pensada e controlada sobre o Rio Lima. Nas restantes salas esta peculiaridade mantêm-se, e são criadas duas perspetivas que coabitam simultaneamente. Com uma janela para o vazio central e outra para o exterior Álvaro Siza cria constantemente ligações visuais entre os vários locais de trabalho. Ao mesmo tempo que cria transparências entre os vários espaços. Já os vãos para o exterior direccionam sempre para um elemento caracterizador da cidade, quer seja para o rio, para a envolvente, ou para a cidade antiga. Em todas as salas de leitura os grandes vãos corridos criam uma ligação constante entre o interior e exterior, o estar na biblioteca torna-se um ato de admiração constante da cidade e do rio

Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
fachada oeste



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
escadas de incêndio



A luz é sempre um dos mais importantes elementos numa biblioteca. Demasiada luz encandeia o leitor, e o seu oposto põe-no na penumbra. Álvaro Siza recorre a uma iluminação natural controlada e criteriosamente orientada, que molda a atmosfera dos espaços e define os ritmos da permanência e da leitura. A luz penetra pelas grandes janelas horizontais nas salas de leitura. Porém por as janelas estarem orientadas em direções diferentes foi necessário tratar cada uma com uma solução diferente. Enquanto que as janelas a norte não correm o risco de fazer entrar luz direta, as restantes voltadas a este, oeste e sul poderiam trazer esse problema. De forma a evitar este problema são colocadas palas nestas aberturas. Esta solução permite a entrada da luz difusa ao longo do dia, evitando o encandeamento direto e criando uma luminosidade serena e constante, adequada à concentração e ao conforto visual. A espessura das paredes contribuem para este fator. O branco dos tetos, e os vazios verticais potenciam a reflexão da luz, distribuindo-a de forma homogénea pelos espaços. A luz entra também pelo vazio central, iluminando os espaços de percurso e contribuindo para o clima de iluminação homogénea ideal para uma biblioteca.

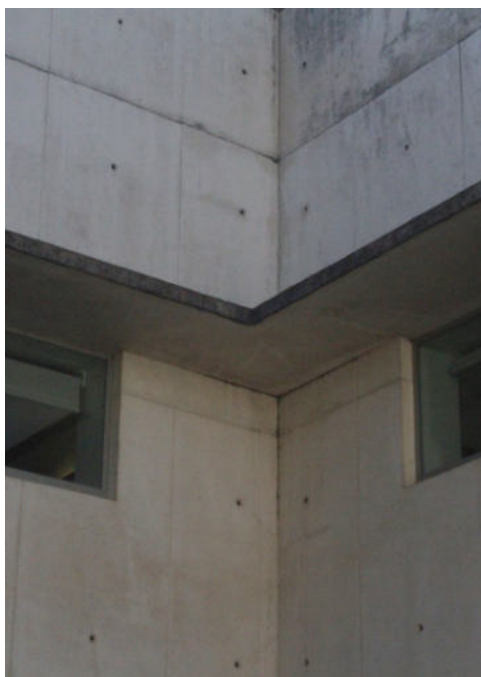
Biblioteca municipal de
Viana do Castelo

**pormenor do uso de
palas entre alçados
orientados a norte
(inexistência) e este**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo

**ligação das palas
pala voltada a sul**





Biblioteca municipal de
Viana do Castelo

alçado oeste
parcial



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo

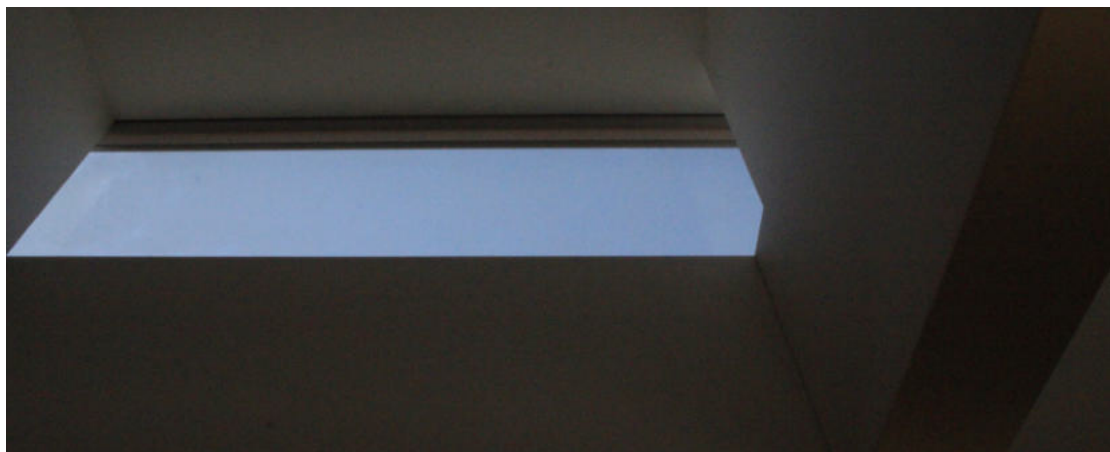
**ala Fernando
Pessoa,
iluminação central**

Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**pormenor da
espessura da
parede**

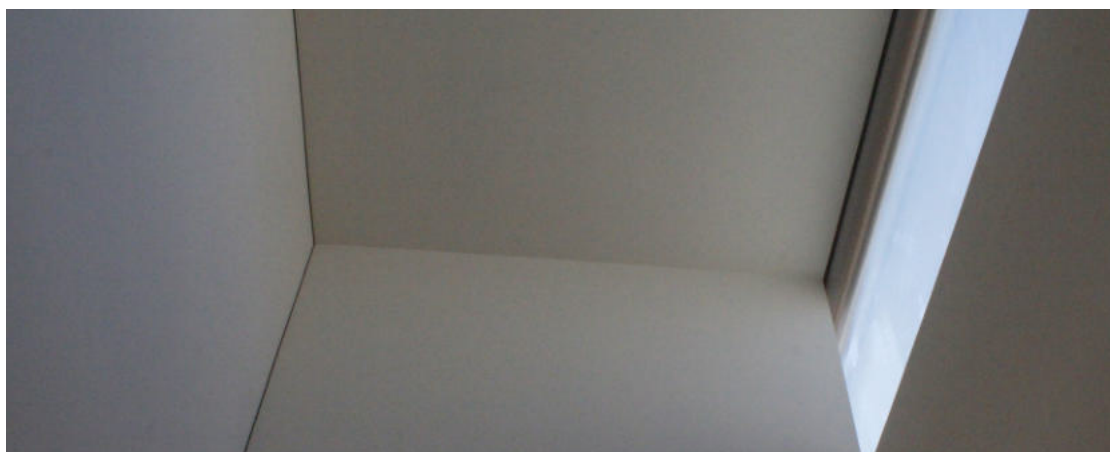
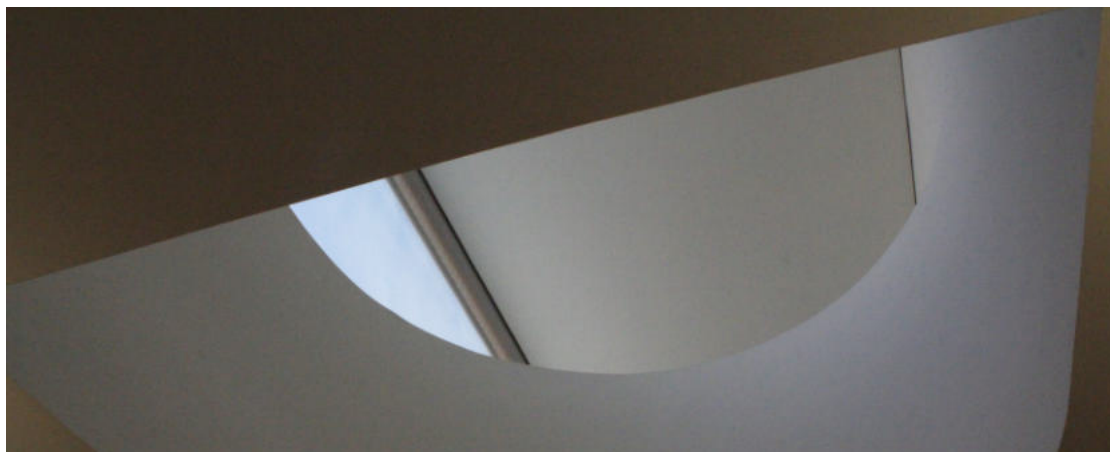


Biblioteca municipal de Viana do
Castelo
iluminação nas estantes





Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**pormenor da
iluminação do
corredor central, ala
Fernando Pessoa**



A instalação das janelas horizontais corridas só é possível devido ao uso de um sistema estrutural de treliças. Este sistema permite a elevação das alas no comprimento total sem apoios verticais para além do dos cantos, por a estrutura estar colocada acima do espaço das salas, permite que os vãos das janelas horizontais sejam abertos em toda a largura das alas.

O volume do piso zero é sustentado por betão armado, e a armadura metálica é suportada por dois pilares que vão resultar nos pilares em L visíveis à cota da rua. O que resulta da estrutura no piso são dois pilares em cruz nos cantos. Estes espaços são aproveitados para salas de características especiais, como áudio/vídeo, multimédia, sala de leitura especial etc.

Biblioteca municipal de Viana do Castelo
fase de construção
estrutura metálica



¹ SIZA VIEIRA,
"Bibliotecas"(1995) in
SIZA VIEIRA, 2019,
p.109.

É importante tentar perceber quais as influências que faz com que o arquiteto chegue a esta forma. No seu texto "Bibliotecas" refere as que considera "os grandes episódios arquitectónicos deste tipo de edifício – a Laurenziana, Lubliana, Viipuri, Estocolmo, Coimbra, Escorial; ou a biblioteca de Alexandria ou a de Constantinopla"¹.

Ao analisarmos a biblioteca de Viana, podemos identificar influências diretas das bibliotecas que menciona, podendo terem sido usadas como referência pelo próprio arquiteto como forma de procurar essa "qualquer coisa".

Partindo da premissa de Figueira sobre a estrutura se assemelhar a um convento a levitar, podemos tentar perceber as influências que deram origem a esta forma. E esta ideia remete diretamente para o convento de La Tourette. A forma do quadrado com o grande vazio central e um volume a levitar é uma expressão que podia ser usada para descrever ambas as obras. De certa forma ambos os programas procuram promover o recolhimento e o estudo. A ideia de elevação do edifício é comum a ambas. E, ao percorrermos o edifício, a paisagem é um elemento constante, seja em direção ao pátio interno seja a envolvente exterior. Há, tal como em Viana, uma relação constante entre a envolvente e natureza e o objeto.

A obra de Le Corbusier marcou de forma decisiva a geração de Álvaro Siza, e a Villa Savoye é um dos pontos onde esse diálogo se torna mais evidente. O corpo elevado, a planta quadrada, as janelas horizontais e o pátio interno revelam afinidades formais que também encontramos na Biblioteca de Viana. Contudo, o modo como cada arquiteto trabalha estas características traduz abordagens distintas. Na Villa Savoye, a relação com a envolvente é sobretudo construída a partir dos pisos superiores: a paisagem é observada através de perspetivas enquadradas, quase como um cenário controlado. O percurso é pensado como descoberta gradual, onde a entrada, quase escondida, conduz ao espaço elevado e ao pátio, fechado sobre si mesmo. Já na Biblioteca de Viana, Siza ensaia uma estratégia inversa. O pátio central abre-se à cidade e ao rio, funcionando como espaço de mediação e continuidade urbana. As perspetivas são múltiplas, abertas, e articulam interior e exterior de forma direta. Se Le Corbusier afirma a condição do objeto isolado, Siza desenha um edifício que, mesmo com forma pura e abstrata, se integra subtilmente no tecido público e prolonga os percursos da cidade.

Álvaro Siza parte da forma como princípio fundamental, inscrevendo-se numa continuidade histórica: as formas primárias, usadas desde os primeiros gestos construtivos do Homem, atravessam toda a arquitetura e são retomadas no seu trabalho. O arquiteto inscreve-se nesta continuidade, a forma concreta, pura e clara, é apropriada pelo programa que precisa de servir.

Já na biblioteca de Aveiro recorre a formas geométricas claras, e também aí opta por abrir um espaço central que percorre os vários pisos. Mesma forma e conceito, adaptados às necessidades específicas daquele programa. E ainda na

biblioteca da faculdade de arquitetura, em que, pela sua dimensão, não faz a abertura central, mas aqui não deixa de marcar este espaço. E, através da galeria cria um segundo piso que circundo o espaço central em baixo. Para além disso, é também neste eixo que coloca a iluminação da biblioteca. De certa forma evocando esta ideia do espaço central como foco de luz.

Pela sua obra já ser vasta, podemos recorrer à própria obra para perceber certas influências e vontades constantes. As formas geométricas claras, alternando entre o quadrado e o retângulo, as constantes procura de criar espaços centrais que permitam uma leitura visual que atravesse o espaço da biblioteca, tornando-o um só espaço. E ainda o uso deste espaço como difusor de luz pelas várias salas de leitura.

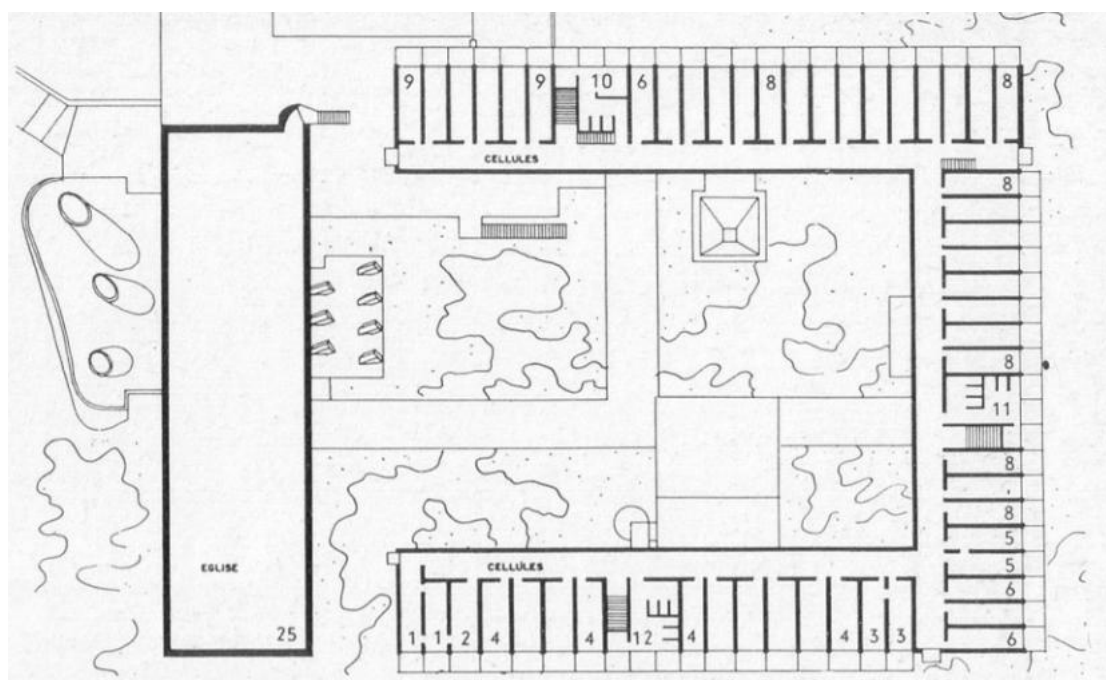


Convento Sainte-Marie
de la Tourette
vista aérea



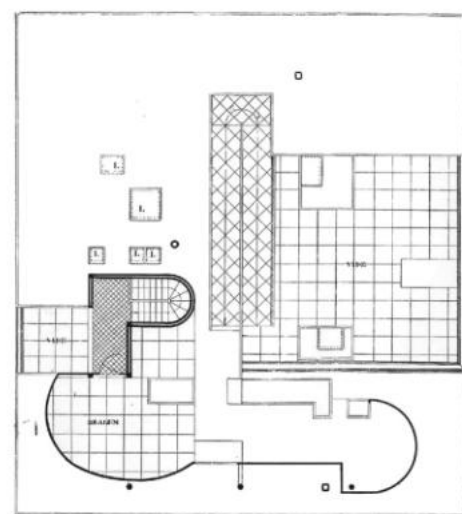
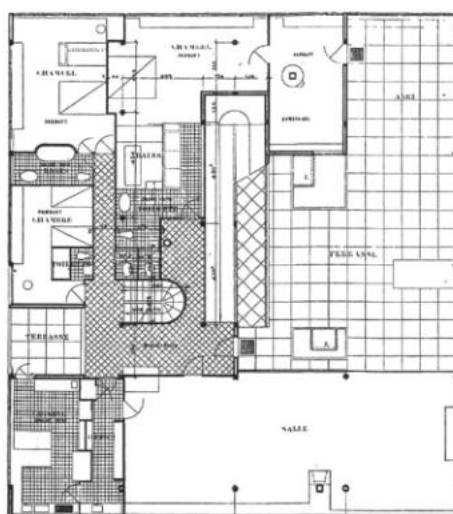
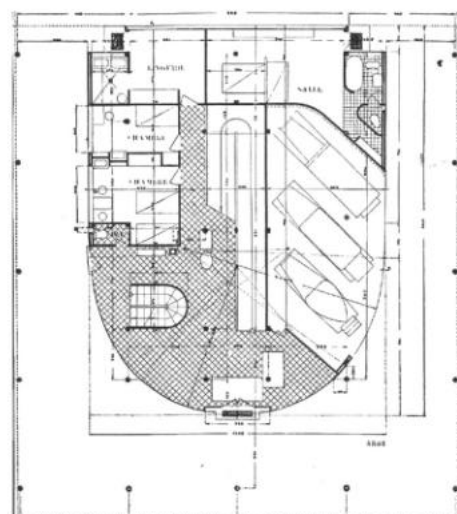
Convento Sainte-Marie
de la Tourette

Convento Sainte-Marie
de la Tourette
planta



Convento Sainte-Marie
de la Tourette
vista para o pátio





Villa Savoye
plantas

Villa Savoye
fachada principal



Villa Savoye
pátio do último pis
vista para a
envolvente



Villa Savoye
espaço de entrada
relação com
envolvente





Villa Savoye



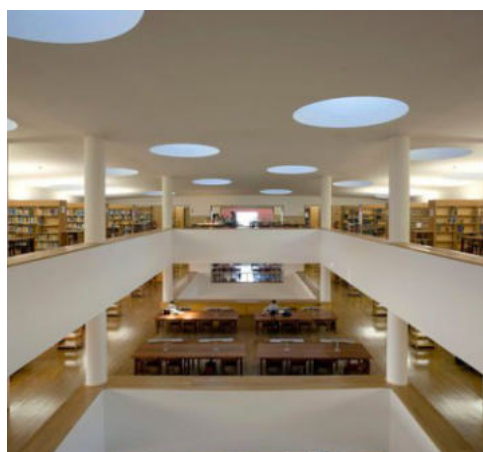
Villa Savoye
portaria

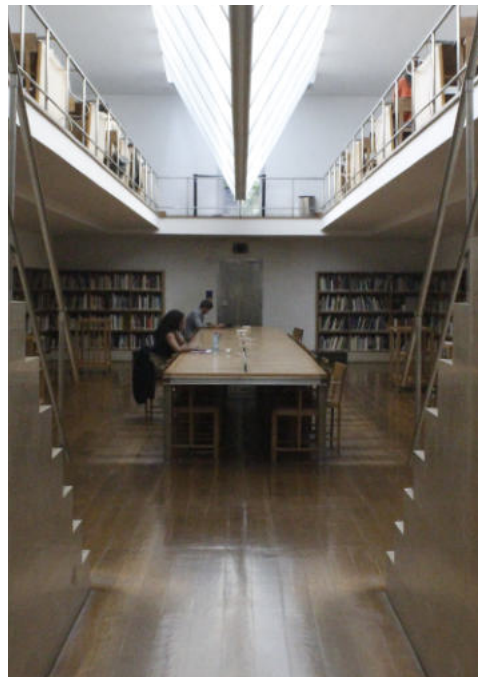
Biblioteca universitária
de Aveiro
vazio central



Biblioteca universitária
de Aveiro
vazio central

**elevação do
patamar da entrada**





Faculdade de
Arquitectura da
Universidade do Porto
**rampa de acesso à
biblioteca**
biblioteca



Faculdade de
Arquitectura da
Universidade do Porto
**volume da
biblioteca**





GESTOS EM PARALELO

Estocolmo e Viana em confronto

Há gestos arquitetónicos que, mesmo separados por décadas e fronteiras, parecem dialogar. Embora erguidas em contextos distintos, as duas bibliotecas aqui estudadas partilham uma relação íntima com o espaço público, a luz e a matéria. Mais do que edifícios, são gestos sobre o modo de viver a cidade.

A leitura paralela entre a biblioteca de Gunnar Asplund e a de Álvaro Siza, não pretende identificar semelhanças formais mas antes perceber as afinidades e contrastes que ligam as duas obras e revelam a forma de pensar dos seus autores. A comparação é, sobretudo, uma oportunidade para perceber como dois arquitetos, de épocas distintas, interpretam o mesmo programa e de que forma chegam a soluções finais que respondem a preocupações comuns.

Nesta leitura cruzada, analisamos o modo como cada arquiteto desenha um edifício que sirva o quotidiano da população, criando um sentido de permanência e servindo como marco da própria cidade. Abordando um conjunto de temas que se destacam pela forma como atravessam as obras.

Entre esses temas, o modo de pensar a cidade torna-se particularmente revelador, não apenas enquanto estratégia de implantação, mas como uma visão ampla da arquitetura, mediada entre o construído e o espaço público, a vida quotidiana e o projeto.

Tanto Asplund como Siza partilham a convicção de que a arquitetura deve nascer do lugar onde se insere, respeitando-o e prolongando-o. Para ambos, o edifício não deve impor-se como elemento alheio ao contexto, mas reforçar uma ideia de pertença, criando continuidade com a cidade existente.

Em Asplund, essa atenção ao lugar manifesta-se desde cedo, tanto nos seus escritos como nas suas obras. O arquiteto mostra-se atento às mudanças urbanísticas que influenciam os espaços que habita. Mostra-nos isso nos textos “*Peligros Architectonicos actuales para Estocolmo: Los edificios de apartamentos*”, dando grande atenção ao desenho urbanístico da cidade e à sua evolução, desde a implantação de novas infraestruturas à organização de novos loteamentos, e novas zonas habitacionais, mostrando a recorrente preocupação com o desenho da cidade. Também neste texto defende uma quase subjugação dos edifícios de habitação aos edifícios públicos. E ainda na reflexão “*Dos puentes y la comisión estética*”, onde a crítica urbanística inclui os aspetos estéticos dos projetos, correlacionando estes dois fatores e defendendo que não se podem separar, pois o urbanismo relaciona a

¹ ASPLUND , "Dos puentes y la comisión estética" (1917) in . ASPLUND, 2002 p.42

² ASPLUND, "PELIGROS ARQUITECTONICOS ACTUALES PARA ESTOCOLMO: LOS EDIFICIOS DE APARTAMENTOS" (1916), in ASPLUND, 1987 p.42

³ SIZA, 2019, p.7

cidade e para isso o fator estético joga com o que será o resultado de tal proposta¹. Questiona ativamente a escolha do projeto, a sua implantação e as consequências que trará para a cidade, bem como a própria estética visto defender que: "Es más importante seguir el estilo del lugar que el del tiempo"².

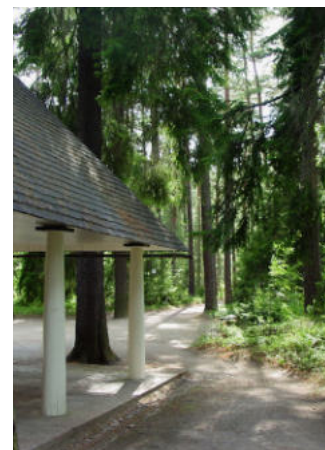
Na obra do Cemitério do Bosque, desenhado com Sigurd Lewerentz, esse olhar atento à envolvente é evidenciado pelos trajetos e pela integração que faz da obra na paisagem. Não deixam de ser relevantes as relações que cria entre obra e existente. No caso de Siza, essa postura é evidente na própria obra da Biblioteca de Viana. Ao usar a lógica do lote medieval como forma de definir a implantação da obra, o arquiteto português mostra um dos seus pensamentos mais constantes. A obra deve pertencer ao lugar. Trata-se de uma relação de complementaridade mútua e direta. O edifício prolonga o tecido urbano, criando um objeto que parece sempre ter pertencido ao lugar. É uma estratégia de mediação entre o espaço construído e a paisagem como o próprio reconhece:

"Começo um projeto quando visito um sítio"³.

Apesar da partilha desta ideia de pertença, as soluções divergem. A biblioteca de Estocolmo afirma-se como um marco urbano, um objeto monumental que estrutura o quarteirão. Já em Viana, o edifício adota uma postura mais contida, articulando-se com a escala do centro histórico, percorrível e estabelecendo uma relação contínua com o rio. Estas diferenças revelam não só os contextos distintos, uma capital no norte Europeu e uma cidade no noroeste português, mas também duas interpretações complementares de um mesmo princípio: a arquitetura como desenho do lugar.

Cemitério de Estocolmo
**percurso para as
capelas**

capela do Bosque



Asplund procura a coesão urbana através de projetos complementares, a biblioteca, o mercado e o parque, que, em conjunto estruturam o quarteirão. O próprio reconhece que a biblioteca só estaria concluída quando os edifícios e espaços envolventes fossem também finalizados:

¹ ASPLUND, 2002, p.124.

"Sin embargo, estará aparentemente incompleto hasta que las tiendas y los edificios previstos a lo largo de la avenida de Odengatan - así como el parque de Sveavagen- que integrarán la Biblioteca con el entorno, no estén realizados."¹.

Já Siza inscreve a sua obra no programa POLIS, que reorganizou a frente ribeirinha de Viana. A biblioteca é parte de um conjunto de três edifícios que, em articulação, garantem a monumentalidade do projeto e a devolução da relação entre cidade e rio.

O aspeto mais comum e de salientar é a procura de criar a relação com a cidade. A obra deve respeitar o lugar, inscrevendo-se nele de forma natural. Ao mesmo tempo, deve reforçar a identidade do sítio, prolongando as suas características e tornando-se parte integrante do espaço urbano. Seja pela implantação, pelos alinhamentos que cria, novas ruas, mesmo pela materialidade da obra ao respeitar o que a rodeia, pelos percursos que cria e pela forma como faz a ligação entre a rua e o volume construído.

Por partirem desta mesma ideia as obras resultam de forma tão distinta. Nunca a biblioteca de Estocolmo poderia ser implantada noutro sítio e o mesmo acontece com a de Viana do Castelo. Ambas criam relações fortes com a cidade, passam a fazer parte do percurso diário da população, criando espaços de lazer, relações com as ruas, quer pelo alinhamento das entradas de Estocolmo, quer pelo paralelismo às ruas em Viana. Ambas criam relações de proximidade com quem os visita ou só por ali passa. A obra de Estocolmo permitiu a criação de novos percursos, novas relações com a cidade por aqueles que usam a biblioteca. Desenvolvendo acessos com o observatório de Estocolmo, permitindo mais acessibilidade e permeabilidade pelos espaços. Em Viana, as relações são criadas diretamente com o rio. A permeabilidade da obra promoveu um dos objetivos do programa POLIS, devolver o rio, o seu contacto, quer físico como visual à população.

Este aspeto é ainda mais marcado pela volumetria. O volume do edifício de Estocolmo, fechado e marcante pela sua implantação, recuado do alinhamento dos prédios envolventes marca a monumentalidade do programa. Este aspeto parece resultar da ideia de Asplund de dar uma maior importância aos edifícios públicos do que os de habitação. Por serem exceções e não a grande mancha da cidade podem ser usados como marcos e referências, para além de, sendo um espaço de todos, deve ter uma maior grandeza no próprio espaço público. Já em Viana a monumentalidade é já dada pelo projeto do programa POLIS.

Os três edifícios que compõem a frente de rio são únicos nesse aspeto e só essa

¹ SIZA VIEIRA, "O mal-estar da forma" (2001) in SIZA VIEIRA, 2018, p.15

característica dá a monumentalidade que o programa pede. Neste sentido a obra de Siza adequa-se à sua envolvente. A monumentalidade existe pela implantação, e a sua adaptação aos alinhamentos, cérceas, percursos, perspetivas e enquadramentos mostra o respeito que a própria obra demonstra em relação à cidade.

Os projetos nascem da mesma figura geométrica. O quadrado é apropriado pelos dois arquitetos de forma muito distinta. Uma mesma figura geométrica em planta que cria dois volumes de características diferentes. Num lado criando um volume maciço no outro a sua repetição e a ideia de leveza. A mesma forma vai proporcionar duas obras de volumetrias distintas. Se em Estocolmo o quadrado que evolui para cubo e o espaço central rasgado pelo cilindro se desenhavam essencialmente para o interior, em Viana a elevação do bloco principal representa a permeabilidade entre a cidade e a natureza. Para além disso as grandes janelas horizontais de Viana criam constantes relações entre o espaço interior e o exterior. Enquanto que em Estocolmo o volume se assume como um sólido, consolidado e fechado, Viana permite uma permeabilidade entre o exterior e o interior.

As duas obras referem-se a uma volumetria clara e persistente no tempo. Em ambos os casos, percebe-se uma herança de modelos antigos, experimentados e afirmados ao longo dos séculos: do Panteão de Roma aos conventos e claustros medievais. Em Estocolmo, há uma procura do classicismo, uma vontade de revisitar a monumentalidade das grandes obras do passado; em Viana, a lógica do claustro organiza os percursos e o pátio central, traduzindo-se numa leitura racional da tradição.

"cedo a Forma se revela consumível vulnerável ao Tempo – quando surge como invenção radicalmente autónoma"¹.

Em ambos os casos existe uma simplificação formal e uma contenção. Os arquitetos

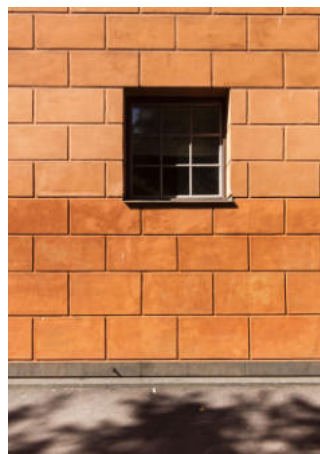
Panteão de Roma



partem de formas geométricas elementares, o quadrado e o círculo. Apesar das diferentes soluções há uma clara disciplina no desenho e uma busca por referências intemporais. Em Estocolmo a sala circular central, a monumentalidade interior e a forma de tratamento da luz, evocam diretamente o Panteão de Roma e com ele o classicismo. Em Viana, o pátio aberto, o percurso circular e o despojamento decorativo remetem para o claustro aqui representado de forma mais racional, aliando-se a um despojamento decorativo.

A própria materialidade das obras é usada como fator integrante no terreno. O tijolo e a cor quente de Estocolmo contrasta com o verde do parque adjacente enquanto segue a tradição construtiva dos edifícios públicos suecos. Dá solidez ao volume, contribuindo para a qualidade de marco urbano e do ar austero do exterior. O granito do embasamento de Viana remete para a tradição nortenha das construções no mesmo material, desde casas, igrejas e edifícios públicos. O betão branco liga-se ao conjunto urbano. A materialidade é discreta, acentuando a permeabilidade e integração com o espaço público. Em ambos os casos há uma ideia de continuidade em relação à envolvente e a tradição local.

Uma das diferenças está no ornamento. Estocolmo é desenhado com elementos simbólicos que compõem a obra, desde os hieróglifos da fachada, aos temas de Adão e Eva que estão presentes em peças, como os puxadores da entrada, ou a fonte de água da ala oeste, o baixo-relevo do vestíbulo da entrada ou ainda os tetos das zonas infantis, alusivos a temas pertinentes para essa faixa etária. Estes elementos reforçam a ideia da biblioteca como espaço de elevação espiritual.



Biblioteca Municipal de
Viana do Castelo
**materialidade da
fachada,
embasamento em
granito e placagem
de betão**

Biblioteca Pública de
Estocolmo
**estereotomia da
fachada**

Já em Viana, encontramos o contrário: um claro despojamento simbólico. A biblioteca de Siza constrói-se sem ornamentos, afirmando-se apenas pela pureza formal, pela materialidade e pela relação contínua com a cidade. O ornamento reside na clareza da forma e na materialidade austera que potenciam a experiência do espaço.

Ainda que de foram contida, em relação aos desenhos iniciais, Asplund usa o ornamento para exacerbar o aspeto simbólico da biblioteca, lembrando as fachadas de edifícios religiosos, como os temas nos frisos em edifícios religiosos, com temas que evocam os ensinamentos.

As diferenças mais evidentes surgem nas salas de leitura. Em Estocolmo há uma centralidade concentrada na sala circular, hierárquica e impactante, ladeada por galerias. O espaço é amplo, vertical e solene, reservado à leitura e contemplação. O espaço central da obra é ocupada pelo espaço de maior relevo, seja pelo programa seja pela volumetria que adquire. Em Viana o espaço central é um vazio, e as salas de leitura ao organizarem-se segundos as alas do quadrado tiram qualquer centralidade de cada uma. Tornam-se uma prolongamento da anterior, num movimento cíclico.

Em Viana este espaço central é “dado” à cidade. O pátio à cota da rua que cria espaços de jardim. Ao percorrer este espaço o pátio abre-se para o céu, criando uma sensação de diálogo e de abertura em relação ao espaço que passamos imediatamente antes por baixo da ala, aumentando a sensação do corpo a levantar.

Se por um lado temos a opção de uma sala de leitura única organizada por galerias que ocupam toda a circunferência da sala, por outro temos uma sala de leitura tripartida, organizada de forma mais próxima à biblioteca Laurenziana de Florença, dividida por um corredor central que por sua vez se encontra dividido pelo mobiliário, criando pequenos nichos de estudo. Aqui as estantes fazem uma divisão em espaços mais pequenos, permitindo organizar os vários espaços por temas.

Siza e Asplund abordam o espaço de formas distintas. Em Estocolmo vemos uma certa hierarquia das diferentes salas, com a central a tomar o mote de sala principal, torna-se o espaço mais impactante, de maior pé direito e as galerias que a envolvem dão-lhe uma certa monumentalidade. O espaço é aberto, os livros ocupam e crescem pelo espaço das paredes e o espaço central fica reservado para ler, ou estar. Nas alas laterais, segue-se a mesma morfologia, os livros organizam-se nas paredes, em dois pisos, o que cria uma segunda galeria nas salas. A sala corresponde a um grande espaço aberto completado pelos espaços de estudo. Em Viana há uma igualdade maior entre as salas. As alas desenham-se de forma muito similar, eixo central de percurso e os espaços de trabalho são desenhados através das estantes. O espaço, inicialmente aberto é organizado em espaços de trabalho de diferentes dimensões. Esta estratégia permite uma maior orientação dos temas. As alas, organizadas por temas, criam, através da organização das estantes, nichos de

bibliografia específica. Estes nichos podem-se equiparar a espaços de “salas abertas” nas alas, que permitem um maior afunilamento dos temas sem perder a relação mais abrangente com o restante espaço da biblioteca.

As bibliotecas optam por formas de organização bem distintas. Enquanto que Asplund opta por usar as paredes como forma de expor os títulos, Siza usa o mobiliário necessário para criar espaços. Cada uma das estratégias permite efeitos diferentes no espaço e se em Estocolmo os livros nas paredes libertam a sala, criando a ideia de ser maior, ainda mais salientado pela verticalidade e pela entrada da luz pelas cotas mais altas, em Viana permite a criação de espaços compartimentados, criando quase uma maior ideia de recolhimento e introspeção.

Também aqui a materialidade é um fator fulcral no desenho do espaço, diretamente relacionado com a luz. Em ambos os casos, tons térreos do pavimento e a madeira das estantes contrasta com o branco das paredes. Asplund cria um espaço interior que se fecha sobre si mesmo, onde a luz penetra a uma cota superior. Siza um espaço aberto ao exterior, com luz a entrar por ambos os lados das salas e ainda pelo espaço central.

Tanto o arquiteto sueco como o arquiteto português sabem da importância e influência da luz nas salas de leitura. A luz vai interferir diretamente com o uso do espaço, o seu excesso ou defeito podem tornar o espaço insuportável. E nisto ambos os arquitetos trabalham de forma a criar uma luz uniforme e constante pelas salas de leitura. Criando um ambiente de luz difusa por toda a sala. As estratégias não podiam ser mais diferentes. Asplund eleva as janelas de forma a evitar que a luz entre diretamente nos espaços de trabalho. Nos raros casos em que as janelas se encontram ao nível do olhar do utilizador, como acontece nas salas orientadas para o parque e para a entrada por Odengatan criando-se uma relação visual com a paisagem, porém nessa zona há o cuidado de reduzir ou mesmo suprimir o número de mesas de estudo. Em Estocolmo a grande luminosidade da sala circular contrasta com a luz controlada das escadas que a abraçam. Assim, ao subir a escadaria, saímos dum espaço de quase penumbra para a luz da sala de leitura.

Siza, trabalha a luz lateralmente e através do vazio central, pela multiplicidade de janelas que acompanham todos os alçados do volume suspenso, recorre a palas nas janelas a este, sul e oeste, de forma a controlar o mesmo problema. Ainda, e de forma a uniformizar a luz pelo espaço, recorre à iluminação do vão central. Em ambos os casos as paredes brancas permitem uma maior difusão da luz que se espalha pelos tetos, criam um ambiente homogéneo por toda a sala.

Para além disso, a colocação de focos de luz é pensada com o mesmo propósito, em Viana são estrategicamente colocados por cima das estantes, impercetíveis quando desligadas ao utilizador, e em Estocolmo o grande candeeiro central promove uma iluminação semelhante à natural. As madeiras das estantes e dos móveis contribuem

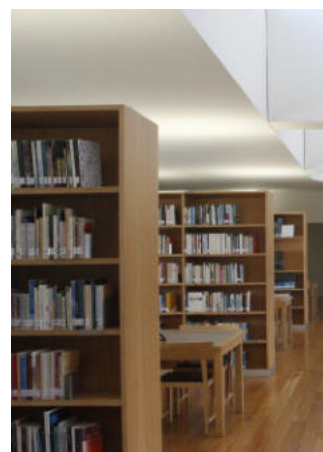
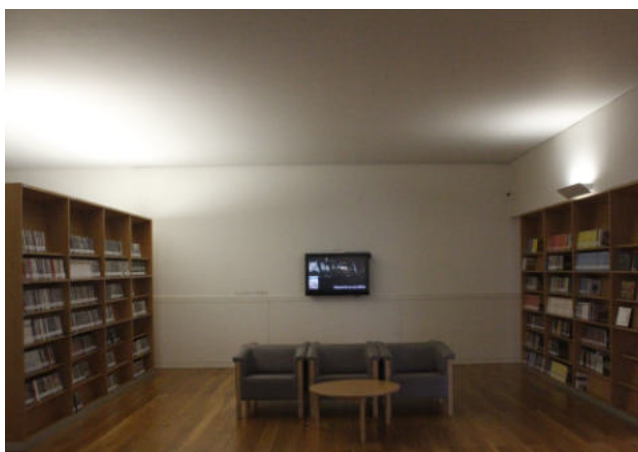
Biblioteca Pública de
Estocolmo
**estantes ocupam o
espaço da parede**



Biblioteca Municipal de
Viana do Castelo,
**fase de construção:
alas sem as estantes**



Biblioteca Municipal de
Viana do Castelo,
**espaço de estar,
organizado através
da disposição das
estantes**



**organização das
estantes pelas alas**



Biblioteca Pública de
Estocolmo
**representação da
"Ilíada" de Homero,
no baixo-relevo do
vestíbulo de entrada**

**hieroglifos
representação de
temas da biblioteca**



Biblioteca Pública de
Estocolmo

**tratamento da luz
no patamar das
escadas de acesso à
sala de leitura
principal**

**luz na sala de
leitura principal**

para a criação desta atmosfera mais acolhedora.

Ambas as soluções privilegiam conforto visual e qualidade atmosférica, essenciais num espaço de estudo e contemplação.

A criação de percursos é um gesto recorrente nas obras de ambos os arquitetos. Primeiramente é notório como as duas obras criam percursos diferentes entre o utilizador e o pessoal administrativo. Estes trajetos são pensados de forma tão subtil que permite a deslocação fácil e clara entre os espaços, realizando todo o tipo de tarefas necessárias ao funcionamento das bibliotecas sem nunca causar desconforto aos utilizadores e vice-versa.

Em relação ao percurso de quem visita, é clara uma intenção por trás de cada uma das obras. No caso de Gunnar Asplund é evidente desde o cemitério de Estocolmo, sobretudo no caminho até à Capela do Bosque, onde o percurso tem grande impacto na forma de experienciar o espaço. Em Álvaro Siza, a experiência do percurso atravessa quase toda a sua obra, e podemos destacar o projeto para a biblioteca de faculdade de arquitetura da universidade do porto, em que a chegada ao espaço se transforma num ritual de aproximação e ascensão ao local, características que são retomadas na biblioteca de Viana do Castelo.

No estudo efetuado este tema ganha uma importância maior, não só pela natureza do programa mas pelas similaridades que ambos os autores partilham por este tema. Reconhecem a importância das bibliotecas não só como espaço de depósito de livros, mas principalmente um edifício que educa pela forma como garante o acesso do seu espólio ao visitante.

Tanto em Estocolmo como em Viana o utilizador é convidado a subir de cota no momento de entrada. A esta cota desenvolve-se o espaço de receção e informação. O momento de acesso ao núcleo da biblioteca, as salas de leitura, é feita numa outra cota superior, sendo essa transição feita através duma escadaria. Em ambos os casos este percurso ascendente carrega um valor simbólico, associando a subida física à elevação intelectual. Em ambos os projetos, a arquitetura traduz a função cívica do programa, um espaço democrático de partilha de conhecimento e elevação do intelecto.

Ainda que semelhantes, as soluções divergem na orientação. Em Estocolmo essa elevação acontece de forma perpendicular à rua, e de forma linear até à sala de leitura. Enquanto em Viana, o traçado do percurso sugere já uma dinâmica circular, funcionando como prefiguração do movimento sequencial e contínuo que estrutura as salas de leitura. Esta elevação reforça a separação entre rua e espaço de estudo. Cria uma atmosfera de recolhimento e protege de ruídos exteriores. Estes fatores incentivam um estudo atento e livre do maior número possível de distrações.

Nas sala de leitura de ambos os projetos o percurso tornar-se circular. Siza cria no piso superior e através das alas do quadrado um percurso quase infinito pelas

salas de leitura. Asplund reproduz um percurso circular pelo espaço central, ampliada pelas galerias que a acompanham. Apesar das claras diferenças, a intenção comum: promover um percurso direcionado dos espaços de leitura, e no momento de chegada cria-se este movimento que convida à permanência e contemplação, fazendo o visitante perder-se nos volumes que têm disponível para consulta.

Já na época grega e romana esta estratégia de elevação dos edifícios foi adotada, principalmente em espaços de culto. O que acontecia nessas situações era a elevação da cota da rua com a cota da entrada, criando já esta relação de superioridade em relação à via pública. Esta estratégia era usada para separar o que era o espaço comum do espaço de culto e veneração para além de fazer uma marcação visual, espacial e espiritual. Usada como forma de transmitir aos devotos o momento de entrada no espaço de adoração.

Esta estratégia foi adaptada ao longo da história por vários poderes. Para além de edifícios religiosos, é também comum em edifícios da nobreza, castelos, mais recentemente em edifícios públicos como forma de exaltar o poder dos governos e também em edifícios culturais como museus, teatros e salas de espetáculo. Marca, principalmente, um momento de transição entre um espaço que é da via pública e um espaço que por diversos motivos pede um maior grau de respeito, contenção, admiração etc.

Nas bibliotecas de Asplund e Siza esta lógica é reinterpretada. Aqui não como uma elevação de poderes religiosos ou do estado, mas como forma de afirmar o poder do conhecimento. A separação em relação à rua promove uma preparação do leitor para a experiência de estudo e enriquecimento da mente. Em ambos os casos, a arquitetura introduz um ritual de transição, reforçando a importância simbólica e cívica do espaço de leitura.

Biblioteca pública de
Estocolmo

**escadas de acesso à
entrada principal**



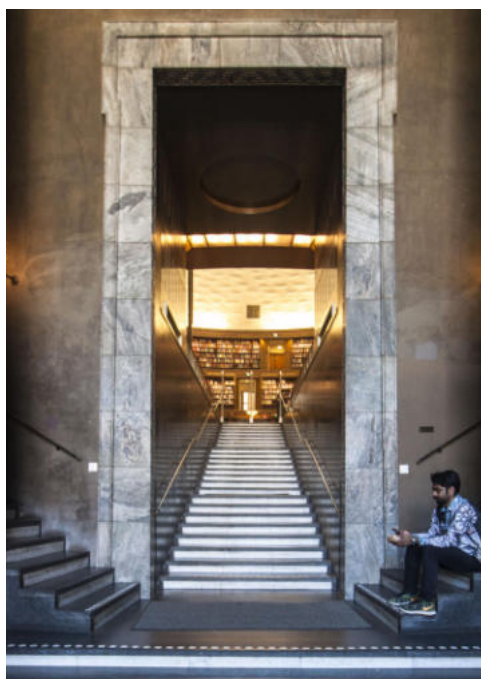
Biblioteca municipal de
Viana do Castelo

**escadas de acesso à
entrada principal**



Biblioteca pública de
Estocolmo

**escadas de acesso
às salas de leitura**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo

**escadas de acesso
às sala de leitura**





Biblioteca pública de
Estocolmo
**sala de leitura
principal**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**sala de leitura, ala
Fernando Pessoa**



Biblioteca pública de
Estocolmo
**sala de leitura, ala
este**



Biblioteca municipal de
Viana do Castelo
**transição entre
espaço áudio/vídeo
e salas de leitura**

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Marta; PRATA Carlos, *Bibliotecas, a representatividade dos espaços de leitura*. Porto : Faup, 2005.
- AHLBERG, Hakon; ELIAS Cornell; BRAVO Lluís, *Gunnar Asplund, arquitecto : 1885-1940*. Murcia : Consejería de cultura del consejo regional, 1982.
- ASPLUND, Erik Gunnar, *Escritos, 1906-1940; Cuaderno de viaje, 1913*, ed. LÓPEZ, PELÁEZ, Manuel, MORENO MANSILLA, Luís, . trad LEAL MALDONADO, Inés, Madrid : El Croquis, 2002.
- BROWNE, Michael; MARGARIT Adrín, *Bibliotecas : arquitectura : instalaciones*. Barcelona : Blume, 1970.
- CABRAL, Maria Luísa, *Bibliotecas : acesso, sempre*. Lisboa : Colibri, 1996.
- DIAS, Manuel Graça, *Ao volante, pela cidade : dez entrevistas de arquitectura*. Lisboa : Relógio d'Água, 1986.
- ECO, Umberto; FREITAS, Maria Luísa Rodrigues de, *A biblioteca*. 4a ed ed. Lisboa : Difel, 1998.
- ESPANHA DIRECCIÓN GENERAL PARA LA VIVIENDA Y ARQUITECTURA; BARROS Cristina, *Erik Gunnar Asplund : 1885-1940*. Madrid : M.O.P.U., 1987.
- FERREIRA, Alfredo Durão De Matos; TÁVORA Fernando, *Aspectos da organização do espaço português*. 2.a ed ed. Porto : FAUP Publicações, 1995.
- FERREIRA, Filipa Miguel; ALARCÃO Pedro, *Inovação e citação na obra de Gunnar Asplund : três exemplos*. Porto : Faup, 2011.
- FERREIRA Jorge; SILVA Anabela, *Bibliotecas = Libraries*. Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2006.
- FIGUEIRA, Jorge, *O arquitecto azul*. [S.l.] : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.
- FIGUEIRA, Jorge, *Reescrever o pós-moderno : sete entrevistas*. Porto : Dafne, 2011.
- FRAMPTON, Kenneth; PORTAS, Nuno; CASTÁN, Santiago, *Profesión poética = Profissão poética*. Barcelona : Gustavo Gili, 1988.
- LÓPEZ-PELÁEZ, José Manuel, *La arquitectura de Gunnar Asplund*. Barcelona : Fundación Caja de Arquitectos, 2002.
- NAVAS SÁNCHEZ, Laura, *Biblioteca Municipal: Viana do Castelo (Portugal) Álvaro Siza Vieira*, Madrid, 2017.
- PEVSNER, Nikolaus; BOHIGAS Oriol, PEJOL I PUIGVEHI Anna Maria, *Historia de las tipologias arquitectonicas*. 2a ed. ed. Barcelona : Gustavo Gili, 1980.
- POLI, Aldo De; COSTA, Fabienne-Andre, *Bibliothèques : architectures 1995-2005*. Milan : Actes Sud Motta, 2004.
- SIZA VIEIRA, Álvaro; GREGOTTI, Vittorio, *Imaginar a evidência*. Lisboa : Edições 70, 1998.
- SIZA VIEIRA, Álvaro; *01 Textos*, ed. Carlos Campos Morais, Lisboa : Parceria A. M. Pereira, 2019.
- SIZA VIEIRA, Álvaro; *02 Textos*, ed. Carlos Campos Morais, Lisboa : Parceria A. M. Pereira, 2018.
- THOMPSON, Godfrey, *Planning and design of library buildings*. 2nd. ed ed. London : The Architectural Press, 1985.
- VENTURA, João J. B., *Bibliotecas e esfera pública*. Oeiras : Celta Editora, 2002.
- WREDE, Stuart, *The Architecture of Erik Gunnar Asplund*. Cambridge, Mass : The MIT Press, 1983.
- ZEVI, Bruno, *Erik Gunnar Asplund*. Buenos Aires : Infinito, 1957.

ARQUIVOS E REPOSITÓRIOS ONLINE

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO, <https://biblioteca.cm-viana-castelo.pt/>

BIBLIOTECA PÚBLICO DE ESTOCOLMO, <https://biblioteket.stockholm.se>

ARKDES, <https://arkdes.se/en/>

DIGITALMUSEUM.ES, <https://digitaltmuseum.se>

CANADIAN CENTER OF ARCHITECTURE, <https://www.cca.qc.ca/en/search?query=viana>

FOUNDATION LE CORBUSIER, <https://www.fondationlecorbusier.fr/en/le-corbusier/works/architecture/polychromie-architecturale/>

DIVISARE

<https://divisare.com/projects/367998-gunnar-asplund-federico-covre-stockholms-stadsbibliotek>

<https://divisare.com/projects/375160-gunnar-asplund-fabio-semeraro-stockholms-stadsbibliotek>

<https://divisare.com/projects/366362-gunnar-asplund-valentina-solano-stockholm-public-library>

ICONOGRAFIA

- 12 <https://app2.editnews.com/ec/public/read?issueid=472831>
- 15 <https://www.world-architects.com/en/architecture-news/insight/exploring-the-as-found>
<http://chenhao.studio/woodland-cemetery-lewerentz-and-asplund-v/>
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7c/V%C3%A4ggaskolan1.jpg>
- 16 <https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
- 18 <https://app2.editnews.com/ec/public/read?issueid=472831>
<https://digitaltmuseum.se/021095501863/diverse>
- 20 <https://www.ravjagarn.se/blogg/2015/03/asplunds-saluhall-vid-stadsbiblioteket/>
https://en.wikiarquitectura.com/building/stockholm-public-library/biblioteca-publica-estocolmo-asplund_003-2/
- 21 <https://biblioteket.stockholm.se/about-the-stockholm-public-library-by-gunnar-asplund>
<https://app2.editnews.com/ec/public/read?issueid=472831>
- 24 <https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
- 25 <https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
- 26 <https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
- 27 <https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
- 28 <https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
- 29 <https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
- 30 <https://divisare.com/projects/366362-gunnar-asplund-valentina-solano-stockholm-public-library>
<https://divisare.com/projects/375160-gunnar-asplund-fabio-semeraro-stockholms-stadsbibliotek>
https://es.wikiarquitectura.com/edificio/biblioteca-publica-de-estocolmo/biblioteca-publica-estocolmo-asplund_0047/
- 31 <https://biblioteket.stockholm.se/about-the-stockholm-public-library-by-gunnar-asplund>
- 32 <https://divisare.com/projects/366362-gunnar-asplund-valentina-solano-stockholm-public-library>
- 33 https://so.wikipedia.org/wiki/File:Interior_view_of_Stockholm_Public_Library.jpg
https://en.wikiarquitectura.com/building/stockholm-public-library/biblioteca-publica-estocolmo-asplund_0011-2/
<https://divisare.com/projects/375160-gunnar-asplund-fabio-semeraro-stockholms-stadsbibliotek>
- 33 https://en.wikiarquitectura.com/building/stockholm-public-library/biblioteca-publica-estocolmo-asplund_0011-2/
- 34 <https://divisare.com/projects/375160-gunnar-asplund-fabio-semeraro-stockholms-stadsbibliotek>
<https://en.wikiarquitectura.com/building/stockholm-public-library/>
<https://biblioteket.stockholm.se/about-the-stockholm-public-library-by-gunnar-asplund>
- 35 <https://app2.editnews.com/ec/public/read?issueid=472831>

- 36 <https://biblioteket.stockholm.se/about-the-stockholm-public-library-by-gunnar-asplund>
<https://divisare.com/projects/366362-gunnar-asplund-valentina-solano-stockholm-public-library>
<https://architecture-history.org/architects/architects/ASPLUND/OBJECTS/1924-1928,%20the%20Stockholm%20Public%20Library,%20Stockholm,%20SWEEDEN.html>
<https://en.wikiarquitectura.com/building/stockholm-public-library/>
https://en.wikipedia.org/wiki/Stockholm_Public_Library
- 37 <https://biblioteket.stockholm.se/about-the-stockholm-public-library-by-gunnar-asplund>
<https://en.wikiarquitectura.com/building/stockholm-public-library/>
<https://divisare.com/projects/366362-gunnar-asplund-valentina-solano-stockholm-public-library>
<https://app2.editnews.com/ec/public/read?issueid=460570>
- 39 <https://divisare.com/projects/375160-gunnar-asplund-fabio-semeraro-stockholms-stadsbibliotek>
<https://www.fotosidan.se/blogs/straightphotography/straight-518-ny-dag-och-nya.htm>
- 41 <https://en.wikiarquitectura.com/building/stockholm-public-library/>
<https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
- 43 <https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
- 44 <https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
- 45 <https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
- 47 <https://catalogo.beniculturali.it/detail/PhotographicHeritage/1500817840>
<https://pl.khanacademy.org/humanities/ancient-art-civilizations/roman/middle-empire/a/the-pantheon>
- 48 <https://ohiostate.pressbooks.pub/exploringarchitectureandlandscape/chapter/chapter-1/>
<https://digitaltmuseum.se/search?owner=S-ARK&q=Stockholms+stadsbibliotek&o=0&n=156>
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/37/Boull%C3%A9_-_Vue_int%C3%A9rieure_de_la_nouvelle_salle_projet%C3%A9.jpeg/500px-Boull%C3%A9_-_Vue_int%C3%A9rieure_de_la_nouvelle_salle_projet%C3%A9.jpeg
<https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTqhYEAdsPRV-92ZgyAt93OHuyiljoN7MdOXsjL5ZrWan0gLLNr>
- 49 https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRev8SunORt_E_ZpDFdsB0MOWvzyN9uU98gsMWIR4WxhkrOLV83\
- 55 Google Earth, vista satélite 2003
Google Earth, vista satélite 2024
- 60 https://encrypted-tbn2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSokUy9NiLhTsRkKGAwlrmt-tqehoP-2J5UcxCen_6BiMePILLC
- 65 Google Earth, vista satélite, 2024
- 66 Google Earth, vista satélite, 202G
- 68 NAVAS SÁNCHEZ, Laura, *Biblioteca Municipal: Viana do Castelo (Portugal)* Álvaro Siza Vieira, Madrid, 2017
- 70 NAVAS SÁNCHEZ, Laura, *Biblioteca Municipal: Viana do Castelo (Portugal)* Álvaro Siza Vieira, Madrid, 2017
- 71 NAVAS SÁNCHEZ, Laura – *Biblioteca Municipal: Viana do Castelo (Portugal)* Álvaro Siza Vieira, Madrid
- 72 Fernando Guerra

- 92 Fernando Guerra
- 99 [https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?
q=tbn:ANd9GcR5MEdF5rmKODDQ5z2HKerVzqajHbN9Rgi3uXQUld-z4nZp4ZFq](https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcR5MEdF5rmKODDQ5z2HKerVzqajHbN9Rgi3uXQUld-z4nZp4ZFq)
- 101 [https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?
q=tbn:ANd9GcRs08q9pGdrQBF1pZyC_dPkS5LPk7We8o0x88UiYOS7rCoBQiqq](https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRs08q9pGdrQBF1pZyC_dPkS5LPk7We8o0x88UiYOS7rCoBQiqq)
- 102 [https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?
q=tbn:ANd9GcRBL7P3pltfXF85n9dWwG8_NtkcudM6lwDYwBDonpu6r7QOmsoh](https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRBL7P3pltfXF85n9dWwG8_NtkcudM6lwDYwBDonpu6r7QOmsoh)
<https://www.fondationlecorbusier.fr/en/work-architecture/achievements-villa-savoye-and-gardeners-lodge-poissy-france-1928-1931/>
- 103 [https://encrypted-tbn2.gstatic.com/images?
q=tbn:ANd9GcR1ffUKizeHO7hnySJYUFUh8v8JR2vFPnRHFwONvXPZDMixzQ_u](https://encrypted-tbn2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcR1ffUKizeHO7hnySJYUFUh8v8JR2vFPnRHFwONvXPZDMixzQ_u)
- 104 <https://www.fondationlecorbusier.fr/en/work-architecture/achievements-villa-savoye-and-gardeners-lodge-poissy-france-1928-1931/>
- 105 <https://www.fondationlecorbusier.fr/en/work-architecture/achievements-villa-savoye-and-gardeners-lodge-poissy-france-1928-1931/>
- 106 [https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSjPlZ1XpGZZMSvjdeBescuEKb_
_N5vD2KO98FxoNi6ZJrPi1fo](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSjPlZ1XpGZZMSvjdeBescuEKb_N5vD2KO98FxoNi6ZJrPi1fo)
- 108 [https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?
q=tbn:ANd9GcSNmPJ9ZptSlvRFL6rDbfKmmkDgcfNQWXCXEwLkZtpOHO10P7d](https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSNmPJ9ZptSlvRFL6rDbfKmmkDgcfNQWXCXEwLkZtpOHO10P7d)
- 114 <https://www.pantheonroma.com/home-pt/>
- 119 <https://divisare.com/projects/366362-gunnar-asplund-valentina-solano-stockholm-public-library>
- 122 [https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?
q=tbn:ANd9GcTh60XHrGLZltcmbOMQsn6Vg2XbqQUojlnRfDnnjcoXiGDYLUtY](https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTh60XHrGLZltcmbOMQsn6Vg2XbqQUojlnRfDnnjcoXiGDYLUtY)
<https://divisare.com/projects/366362-gunnar-asplund-valentina-solano-stockholm-public-library>
- 123 <https://divisare.com/projects/367998-gunnar-asplund-federico-covre-stockholms-stadsbibliotek>

Todas as imagens sem menção específica de fonte são de produção própria.



Biblioteca e Cidade: Asplund e Siza
Francisca Maria Monteiro Pereira

FACULDADE DE ARQUITETURA

